

Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

Nº XXV VI/X Era APS





Cartoon-h-ell

King Chaos



Ficha Técnica

Infernus nº XXV

Editor: Mosath

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial: Black Lotus, BM Resende,
King Chaos, Lurker, Metzli, Outubro

Colaboradores: Aires Ferreira, Fátima Vale,
Flávio Gonçalves, :gmr:, Gilberto de Lascariz,
José Macedo Silva, Júlio Mendes Rodrigo, Luis
Couto, Lupum, Melusine de Mattos, Mónica Sou-
sa, Paulo César

Revisão: Metzli

Créditos das Imagens:

Pág.1 - Diogo Sousa - <http://dipiriri.blogspot.com>

Págs. 4, 6, 7, 21, 22, 23, 24, 25: Paulo César - www.paulocesar.eu

Pág.8: Dariusz Skitek - dariusz.deviantart.com

Pág.10: Technochrist - technochrist.deviantart.com

Pág.11: Aleksandra - heavens-drive.deviantart.com

Pág.12: Magic-Ravioli - magic-ravioli.deviantart.com

Pág.15: Diogo Sousa - www.dipiriri.blogspot.com

Pág.16: Jeremy Baum - madbaumer37.deviantart.com

Pág.17: Alfred Kubin

Pág.18: Bergman

Pág.19: Chris Marker

Pág.20: Dream On

Pág.26, 27: Emily - phoenixfire530.deviantart.com

Pág.28: BADit - badit.deviantart.com

Pág.30: Anna - ototoi.deviantart.com

Pág.32: Neoxxx - neoxxx.deviantart.com

Pág.34: Havard - coffinkid13.deviantart.com

Pág.35: Joel Peter Witkin

Pág.36: Alice Cooper e Salvador Dali

Pág.38: Bronniexx - broniexx.deviantart.com

Pág.40: Gustavo Rodrigues - gustavorodrigues.deviantart.com

Pág.41: Winand Ramdjanamsingh - shiftsix.deviantart.com

Pág.42, 44: Gordon Stone McBryde - p0rg.deviantart.com

Pág.43: Aleksandra W. - olushia-loosiczka.deviantart.com

Pág.45: Shanti - supermimbles360.deviantart.com



Editorial

Mosath

Pela primeira vez, escrevo um editorial em meu nome. A Infernus tem sido um organismo vivo que tenho tentado ajudar a alimentar, mas nunca tinha passado por esta situação de escrever o mote que inicia um novo número Infernus e, apesar de não me assustar, sinto o peso da tarefa.

Mas seja como for, este editorial vai em nome de todos, facto que faz sobressair, se é que ainda não tinha acontecido, a participação e o alinhamento que existe no seio da Infernus e que se projecta por todos os que a lêem.

Agradeço, claramente, o incentivo e a motivação por parte de quem sabe que mos presta, pois tal é mais do que uma honra para mim.

É tempo de mais uma Infernus e com ela chega-nos um mar de palavras, imagens e desvios aos marasmos presentes na sociedade.

O Solstício de Verão ergue-se e com ele a temática Sonhos/Utopia. Com certeza, é uma temática que a todos faz excitar as mais variadas imagens. Cada um de nós possui ou possuiu sonhos na sua vida, porque são parte natural do Homem, do seu inconsciente e arma, muitas vezes, do seu consciente. Numa sociedade e em tempos que vivemos, nunca, parece-me, antes fora tão importante defender os nossos sonhos, enquadrar a nossa utopia e, deste modo, enfrentar com mais graça o nosso caminho. Para não cairmos no erro de sermos zombies ou mutantes, há que extravasar os nossos tecidos com os nossos sonhos, procurando, sempre, que os mesmos nos proporcionem as devidas acções.

Nesta edição, contamos com mais contribuições dos nossos contribuidores

e colaboradores habituais. Destaco, porém, uma baixa que nos importa comunicar: Devis deviLs Granziera, que escreveu connosco e para nós vários artigos fabulosos, por razões pessoais, decidiu terminar com a colaboração. Resta-nos aplaudir o seu nome, sabendo que estará sempre interessado em ler os números Infernus produzidos doravante.

Para esta edição, entrevistámos Paulo César, fotógrafo e colaborador há já algum tempo da Infernus. Por causa da sua qualidade fotográfica e do seu entusiasmo pessoal, decidimos agradecer a sua presença por intermédio de uma entrevista; assim, consegue dar-se melhor a conhecer a sua arte e personalidade.

Esta edição diz respeito ao mundo onírico e importa-nos conhecer com outra magnitude que sonhos conduzem os nossos colaboradores/contribuidores, que utopia se encontra no interior dos seus seres e, enquanto leitores, assimilar esses prismas de forma construtiva.

Se é verdade que fazer parte deste projecto – único e verdadeiro – nos traz um esforço extra, uns alfinetes na pele, não menos verdade é de que “tudo vale a pena se a alma não é pequena”, o mesmo é dizer que isto vale a pena, pois a nossa utopia satânica não é pequena.

O Sonho ajuda-nos a caminhar por trilhos lamacentos. A utopia satânica pode estar ao virar da esquina e se não estiver ou se não existir esquina sequer, continuaremos deste lado a observar, a olhar, a escrever e a viver até a criarmos, à esquina e à Utopia.

Até ao Equinócio de Outono!
Boas leituras.



ÍNDICE

Sonho -----	4
<i>Mosath</i>	
da senda do silêncio hiperbóreo ----	8
<i>Fátima Vale</i>	
O Sonhador ainda não despertou -----	12
<i>:gmr:</i>	
Acheronta Movebo -----	17
<i>Júlio Mendes Rodrigo</i>	
A estrada de pedra envelhecida ----	21
<i>Aires Ferreira</i>	
Entrevista Paulo César -----	22
<i>Mosath</i>	
Tumefacto -----	26
<i>BM Resende</i>	
As Marionetas -----	28
<i>Luís Couto</i>	
O Sonho -----	30
<i>Lupum</i>	
A Iniciação Fáustica e o Mistério Onirosófico do Sabat --	32
<i>Gilberto de Lascaris</i>	
Alice Cooper O pesadelo encarnado -----	36
<i>Flávio Gonçalves</i>	
Premonição -----	38
<i>José Macedo Silva</i>	
The Dreamer -----	41
<i>Mónica Sousa</i>	
Somnium -----	42
<i>Metzli</i>	
From Fire Reborn -----	45
<i>Melusine de Mattos</i>	



Sonho

Mosath



*Sou de um planeta distante,
terrestres. Dir-vos-ei como se
chama: Utópico. E estamos à de-
riva no Universo...*

Aqui, o clima é o mais incontornável possível. Vivemos num equilíbrio exímio e faustoso com a Natureza. Celebra-se os Equinócios e os Solstícios com toda a pompa e circunstância.

O mundo, esse conceito, é percebido pela nossa consciência, mas, de resto, é a Natureza todo o conceito.

Sonhamos muito e todos, desenvolvemos que somos de uma capacidade de sonhar em conjunto, interligando o sonho com outros e desenhando os ambientes. As ações, essas, decorrem quais jogadas de xadrez.

Todavia, é no campo das relações que marcamos mais pontos sobre vós. São o mérito, a evolução e o prazer que ditam as consequências. Organizamos tudo numa óptica de cooperação, num individualismo interessado noutros individualismos, um romantismo vosso conhecido que não fazia com que um Eu se privasse de gostar e encarar com gozo outros "Eus".

Queira um dia o Universo afastar o planeta Terra da sua órbita e o Sol apañar-nos, a fim de preenchermos esse lugar deixado por vós. Aí dar-se-ia um niilismo, um acontecimento marcante de um planeta utópico com sede pela supremacia.

A nossa língua é o "poesês", a única língua capaz de transmitir fonologicamente as virtudes e os labirintos artísticos da alma. A nossa alma vive freneticamente e os nossos sonhos são vividos com voz de poema.

Como escreveu um escritor vosso conhecido, terrestre, "afinal: os mortos, os vivos e os seres que ainda esperam por nascer formam uma única tela. A fronteira entre seus territórios se resume frágil, movente. Nos sonhos todos nos encontramos num mesmo recinto, ali onde o tempo se desprome à omniausência. Nossos sonhos são senão visitas a essas vidas outras, passadas e futuras, conversa com nascituros e falecidos, na irrazoável língua que nos é comum."

Não como o conceito vosso de mundo onírico fala igualmente com voz de poeta, deixo-vos entrar na atmosfera deste planeta através de um poema. Sentimental, utópico, simples e fortificante. Não um poema do vosso amor,

porque hoje esse é fútil, desmistificado e tépido, mas antes um amor no seu sentido mais utópico – normal –, literário ou inacreditável, que tão-somente se resume ao nutrir de forma genuína o sentimento por outra pessoa. E esta é a linguagem que nos leva a nós, utópicos, mais além, numa língua daqui! Até breve, terrestres! Poesia e sonho! Sonho e Utopia nas linhas de um poema.

*Na curva descendente de uma bela tarde,
Encontrei-te ao pé de um riacho com cristalina água.*

*Eu passei por ti,
Tu nem me viste, eu seria uma palpitação sem mágoa
E os teus olhos pequeninos e sonhadores, perdiam-se,
Naquele invulgar movimento que nas margens de qualquer riacho arde. Nesse movimento invulgar,
Essa vontade toda, jovial, espectacular, do teu corpo parecia espreitar,
Tu afligias-te por abraçar coisas belas longe do riacho...
Rapidamente, tudo isso se tornou no brilho dos meus olhos,
Os meus olhos que queriam perder-se no teu encanto.
E entretanto penso que acho que ela não me vê,
Os meus passos são silenciosos e desgostosos aos ouvidos macios dela.
Então cresceu em mim um doce sentimento de envolver o teu corpo parado,
Enquanto e só enquanto os teus odores permitissem o arrojo dulcificado dos meus.*

*Sentei-me numa pedra negra,
A pedra absorvia o calor do sol daquele fim de tarde e ficava dourada,
Eu via, alegre, a tua figura delicada a apreciar a serenidade da água,
Os teus cabelos esvoaçavam como riscos mágicos trágicos,
De cores emprestadas dos conhecidos paraísos não letárgicos
E larguei algum do peso e do sofrimento que aglomerava na minha alma,
Os meus dedos transformaram-se em pétalas e em frutos longos, exóticos e lisos...
Esse peso e esse sofrimento precipitaram-se em risos em forma de uvas,
Naquela melodiosa tarde calma,
No lacónico trilho de terra entre o meu ser e o teu,
Peso e sofrimento a correrem sobre a terra e a suarem-se de nódoas cortantes,
Aqueles nódoas que só cortam pesos e sofrimentos; fado meu, teu, fado seu...
Num estrondo líquido saltaram para o riacho,
Desaparecendo naquela água serena em forma de cacho,
Um cacho de uvas metafórico na água*

contemplada pelos teus olhos excitados e excitantes.

*Como se fôssemos enamorados ou amantes,
Como te vi a seres molhada pelo mergulho do peso e do sofrimento,
Eu sorri... e tu gemeste...
Surpresa e graça,
Com surpresa e com graça, o teu bonito rosto de mulher protegeste,
Rosto bonito de mulher que já imaginou,
Em noites de insónia e romance, entre compassividade e contentamento,
Saber tudo o que precisa e quer.
Aproximei-me de ti, leve, tímido e fantasiador,
Melhor, aproximei-me de ti, tu leve, tímida e fantasiadora,
Segurei o teu pulso. Firme. Senti as gotas de água, as melhores gotas de água,
Levei o teu pulso aos meus lábios e beijei-o, um beijo colado e demorado,
Bem por ti tolerado no teu sublime pulso, fofo e delicado.
Passaste uma mão nos teus cabelos e os teus cabelos brilharam,
Qual ouro acastanhado a vibrar ao sabor de um vento imaculado.
Nunca fui bom a somar números, sou mais letras e carinhos,
E esses não se somam, agora dão-se e recebem-se,
De tanta beleza e certeza nos lançamos à vida e a doçuras...
Um beijo em ti, saboroso e encorajado, dos longos ou dos pequeninos,
Será que tento o beijo, tento? Tento-te em sentimentos nobres?
Avancei! Os meus lábios encontraram os teus, húmidos, labiais branduras,
Lábios queridos e delicadamente activos que me condenam a vícios fatais.
Eu beijei-te, tu beijaste-me, românticos animais,
E acendemos uma vela de desejo e automaticamente um pedido prevejo,
Não a sopres!*

*"afinal: os mortos, os vivos e os seres que ainda esperam por nascer formam uma única tela.
A fronteira entre seus territórios se resume frágil, movente."*



Sonho

Uma brisa impôs-se sobre a nossa pele, a vela ardia,
O carinho não era afectado; aquilo que é imposto nem afecta nem faz sentido;
O calor do teu abraço pretendia ser mais do que calor de um abraço
E assim continuaste num abraço querido, vestido; a ânsia de nós não fugia,
Com sensacionais ondas de ternura,
A olhares os meus olhos e a olhares para ti própria
E a admirares a simplicidade que tanto gostas,
Dos teus gestos; tu estavas a olhar,
Das tuas franquezas naturais,
Da tua realização e da tua potencialidade, fértil mistura,
E do teu ego que a tudo podia subir e a tudo podia tocar.
Compreendia-te como o centro de felicidade, Um centro físico e psicológico novo que atraía a felicidade
E com a tua força e coragem emocionais em júbilo,
Nenhum novo troféu para ti seria novamente formal novidade ou fatalidade!
Às tuas mãos sedosas e da cor de mãos sedosas,
Podiam chegar quaisquer felicidades e belezas,
As tuas mãos agarrariam e cuidariam bem dessas riquezas,
Eu não mais com certeza olharia a água de um riacho,

Tu serias, serias, essa água e esse riacho de água feliz e bela,
Em noites e em dias e em tardes de desejo e perdição,
Eu beberia de ti, beberia da tua água, beberia do teu coração,
Líquida e humana e doce tela,
Pousando a meu lado a nossa vela,
Idolatraria o facto de seres superior e vives na vertigem da emoção e perfeição.

Por sólidos ensejos fiquei a examinar-te, Pedi às flores dos meus dedos para que se soltassem
E pedi às outras flores para que das prisões das suas terras se desapegassem,
Para que te adornassem e num feitiço floral fiquei a beijar-te.
As minhas mãos seguravam as tuas, Pequenas, brancas e perfumadas,
Quando vi as espantosas flores a criarem um chapéu na tua cabeça,
Esse chapéu simbolizava os teus sonhos, Os teus desejos e as tuas qualidades honradas,
Era volumoso e cheio de cor e vida.
Larguei-te as mãos e pudeste sentir o chapéu,
Na tua cabeça, sensação de raro êxtase corporal,
Esbelto e de formas impressionantes,
O chapéu, o chapéu, o chapéu que era uma coroa de amor pessoal.
Tocaste nos teus desejos e nos teus sonhos,

Nas tuas qualidades, as chamas do teu fogo interior,
Estavam na tua cabeça,
Conheceste-os com os dedos
E eu tinha a sorte de observar o quão estavas contente,
Observara a destruição de hipotéticos medos,
Na hora em que um golpe indolor,
Golpe artístico da brisa que os nossos pensamentos estavam a massajar,
Forçou o meu enfeitiçado ser reparar na água do riacho a correr velozmente,
Levando algumas pétalas do teu chapéu...
As pétalas chegariam onde nunca tinhas imaginado a tua alma chegar
E com isso eu aprendi algo muito facilmente: não precisava de contigo estar,
Não precisava de estar contigo completamente,
A agarrar-te e a tocar-te, tu em tactos aprimorados comigo,
A fim de poder beijar-te ou sentir-te; agitação...
Bastava procurar as tuas pétalas do teu chapéu e beijá-las e senti-las,
Assim beijava-te ou assim sentia-te; gratificação...

Eras uma mulher especial,
Capaz de colocar os ponteiros do tempo a avançar sem se notar,
O tempo contigo era um objecto fugaz e desigual







E o teu bom humor expirava pelos teus poros uma vertigem de amor.
Em ti encerravas feridas com pomada para tratamento,
Feridas de jogos e batalhas nem sempre bem sucedidos,
A tua pele cálida, o teu corpo meigo e apetecível, dás-me maleável calor,
Jogos e batalhas sempre disputados com garra e sentimento.

Nunca és nunca foste nunca,
Um desaparecimento, não desapareces sem sorrir,
As garras do teu consciente chamaram a minha atenção
E o teu inconsciente,
Mistérios e potencialidades por abrir,
Era o resumo irrepreensivelmente escrito do teu coração.
Apalpei as pestanas que arranjaste com afinho,
Naquela manhã daquele dia, naquela tarde,
Sem mãos, apalpei,
Apalpei-as com os silêncios da minha boca e da minha respiração,
Do modo como alguém encontra insólitos na realidade de um insólito momento daqueles,
A criar uma obsessão que arde,
Num lento abraço ofereci-me a ti,
Ali na proximidade do riacho,
Um abraço para unir-me à tua existência de actuações amadas,
Obsessivo a um nível hipnotizante,
Podia eu enlouquecer após aquele abraço,
Numa demência bela e triunfante,
Mas nada mais desejava conseguir que abraçar,
A minha amiga amante de pestanas arranjadas.

Foi num segundo que uma diferente visão rodopiou
À minha frente, foi então que pude de facto notar nos teus olhos bondosos,
O teu rosto arredondado que me levitou...
A tua pele que me sussurrava pedidos, essa,
Conforta-me, aquece-me, embeleza-me.
E eu ali a pensar na sorte que me deram, os desígnios untuosos,
Eras a mais romântica de sempre e através de ti,
O romance cosia decoração e transcendentalismo,
No véu mais pulcro que nunca vi mas que congemei para utopias sem exibicionismo.

E partiste, feliz,
Sorridente,
O teu rosto pintado de amor, qual borboleta a encher o mundo,
O riacho esvaziou-se infeliz
E aterrou nele uma negra cor.
O teu caminho é aquele que brilha com

uma luz forte no horizonte a oeste
E quando estiveres a chegar a essa luz
Terás amado e encantado e acariciado
E tudo o que reluz desaparecerá e no seu lugar ficará
A tua beleza de mulher celeste.
És grande em espírito, imuniza-o,
Pequena em estatura,
Tens o mundo a teus pés,
Deseja-o,
O teu doce ser é poderoso e carinhoso em plena poética altura.
Invoquei-te na humidade dos meus olhos
E se não ultrapassar a quimera húmida, contigo, de um beijo,
Não me importarei,
Eu incitar-me-ei à jornada de vida onde não mais fraquejo.
Sê feliz
E o dia em que me disseres que o és,
Será nomeado como aquele que eu sempre, para ti, quis.


Eras uma mulher especial,
Capaz de colocar os ponteiros do tempo a avançar sem se notar,
O tempo contigo era um objecto fugaz e desigual
E o teu bom humor expirava pelos teus poros uma vertigem de amor.






da senda do silêncio hiperbóreo

Fátima Vale



ensaio para uma opereta em dois actos

criaturas:

mulher escarlata
vadios/mahatmas
20 crianças
guerreiro espartano
coro de gregos suicidados
ferré
7 mulheres de negro
vozes
ísis sem véu

I acto

(a plateia é o mar. no plano inferior do palco, uma praia habitada por vadios em harmoniosos pares e ímpares. no plano superior uma montanha. a luz define o ocaso. a mulher escarlata aparece frente a um sol poente enorme.)

mulher escarlata - mia-me um gato dentro da cabeça!

no dilúvio da madrugada, as ideias são de ferro e não abrem por temor ao vento. a raça de abel invade a sombra de zinco em que reúno os panos do sono.

é preciso amputar a esperança.

vozes ditirâmbicas entoam no ermo encefálico, é a luta entre mim e deus dentro do poço de lama! eis o espectro argiloso humano!

é preciso a amputar o além, ferré!

(enrola-se ao tronco de forma fálica. um guerreiro espartano sai do mergulho oceânico num salto. observa a praia e num ápice entra num monte húmido de areia. dela vai extraindo vinte crianças, uma a uma, que posiciona numa grande roda no centro da praia. ali ficam batendo palmas cadenciadas de um jogo mudo e lento. os vadios vão saindo ao ritmo das palmas.)

coro de gregos suicidados - (em movimentos precisos, de tal forma simétricos que se percebe a unidade, penduram as cordas, para a força. a coreografia é rigorosa e determinada. cada um em frente à sua corda.)

as minhas mãos mordem as estrelas da noite turturina. vem, vamos cortar o lótus branco.

tenho uma lua cheia na cervical que me glorifica no finito terrestre.

rejeito a servidão, assim me demito do crime! quero-me feliz.

(batem em paus semelhantes aos dos pauliteiros de miranda e fazem,

um por um a sua proeza sirtaki.)

mulher escarlata - a carroça de alumínio não pára, leva retalhos confusos de corpos desalojados, ensurdece a noite e o mar, espanta os pássaros das árvores!

consigo leva a voz dos frutos, que se quedam mudos no gemido do olhar das garças reais.

parece o abandono enraivecido dos saltimbancos, alma de lata no estridente limbo, deixa a natureza espectral quando passa.

as velhas fogem para dentro das arcas, o vento é uma alcateia que uiva e varre de medo a infância das flores.

ferré - (atravessa a praia com um cartaz de cartão que segura com uma vara de madeira. o cartaz diz: **a técnica do caviar não me lava a poesia. por vezes ladra.**)

coro de suicidados gregos - a noite jamais será a mesma, nascem nebulosas dentro do ventre do novo mundo.

invoco a noite para o banho de astros do nosso corpo de cristal.

o sol aproxima-se para o renascimento. morram os medos na magnitude do ocaso, que o inverno nos defina os ramos, que se encherão de novos frutos pela fertilidade da luz.

a tortura, a humilhação pela sombra do silêncio rasga o veludo do sol.

cada ave grita o desespero perpendicular à asa.

(enforcam-se. aproxima-se o rufo de tambores e os gritos do protesto indignado.)

ferré - (volta a atravessar a praia com o mesmo cartaz: **a técnica do caviar não me lava a poesia. por vezes ladra e torna a desaparecer.**)

várias vozes - (só as suas máscaras se vêem, todas elas de expressões diferentes. sussurram enquanto pousam um coração em cima de uma grande pedra. aqui o efeito da luz negra começa a definir a ausência e a presença.)

pousa o coração entre a rocha e o

sol, vês, nascem-lhe asas à superfície! pelo ramo deslizam as mãos do abandono que enxertam o entrecasco na aorta. parece um fruto maduro perdido no tempo. o sol reflecte a alvura que ergue o pé líquido ao desejo, rasga a fenda que divide a paixão das urzes num esquecimento aleatório. progresso cambaleante do eco atormentado que carregas.

(antes de desaparecerem, escrevem na areia sem que se perceba o movimento da escrita, **arte ou muerte.**)

(sete mulheres de negro entram numa dança. sugerem um bicho de sete cabeças. uma delas entra em transe.)

mulher de negro 7 - há uma mulher palimpsesto no cadafalso nocturno, violada pelo silêncio da orquestra de bambu, pendente no telhado suspenso da casa submersa!

(entram todas em transe para alcançar a visualização dessa mulher.)

mulher de negro 2 - O cérebro humano reage como um animal.

mulher de negro 3 - enrolam-se sobre si mesmos, cobrem-se com capas quitinosas, enterram-se na lama, param a respiração e o pulsar do coração. O ser humano faz o mesmo, encerra-se num sistema repetitivo de gestos, desejos, emoções, pensamentos e vegeta nesses estreitos limites...

mulher de negro 4 - proíbem-se o mais pequeno rasgo de originalidade relegando para a escuridão os seus sonhos de Ser.

mulher de negro 5 - surdez psicológica, cegueira psicológica. imitam a certeza.

o poder do agora aumenta a atenção sensorial.

passado e futuro são as novas sedes da doença.

mulher de negro 6 - sht! ouvem-se mil palavras silenciosas.

fraldas. causas que se derramam.

**pousa o coração entre a rocha e o sol, vês,
nascem-lhe asas à superfície! pelo ramo deslizam as mãos do abandono que enxertam o entrecasco na aorta. parece um fruto maduro perdido no tempo.**



lastros depressivos. Sht!

mulher de negro 7 - é o mistério à luz total! misteriosa linguagem encantatória que vem do fundo dos tempos... o homem tropeça na sua própria roupa. *(contemplam os céus mas de repente ouvem-se grunhidos em aproximação.*

mulher de negro 3 - escutem... são os lestrigões do poder, vamos! *(fizeram uma breve dança e transformaram-se em arbustos.)*

(no momento em que entram vários lestrigões, cujo apontamento é a gravata, o coro de gregos suicidados, vai ganhando formas arbóreas ainda que de tronco humano enverguem no lugar do crânio, raízes. com o avançar

da acção ganham frutos e surgem marionetas de aves com os mais diversos cantos. um dos lestrigões é o líder. não usam a fala. têm gestos grotescos à mistura de um ou outro movimento de burocrata. entram em escaramuça e acabam por se devorar uns aos outros. as mulheres de negro retomam o seu corpo em convulsões de riso. saem voando.)

II acto

criança - *(dá a mão a outra das crianças, despertam e procuram instalar-se no centro da roda.)* nun t'ambergonhes cula mie pobreza, apossima-te. se nun tubires muita fame cunto-t'ua stória, quieres? Assi se tu te çpuseres a oubir,

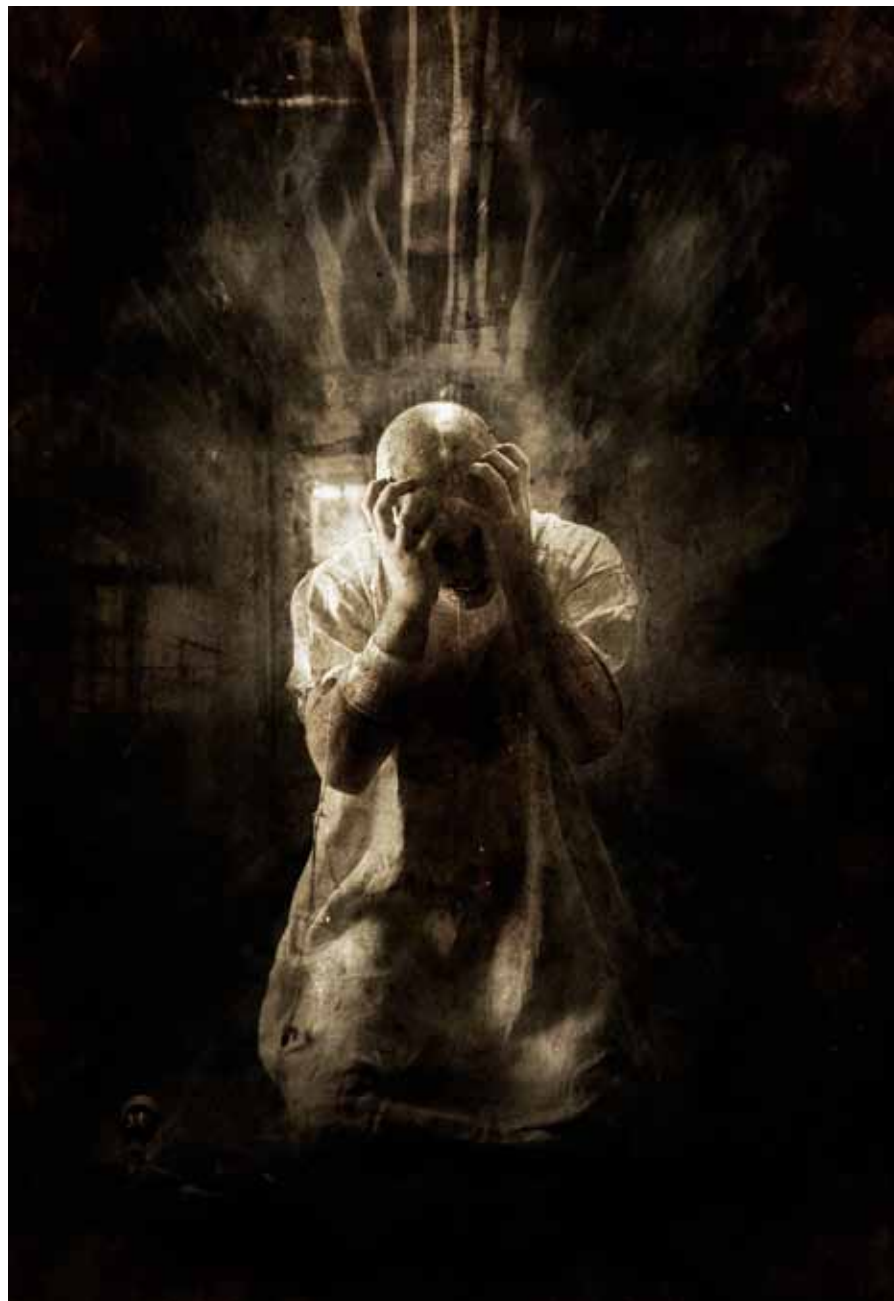
ye cumo se a bibissemos, pus las sues palabras son mágicas. Lieban-te para ua outra possibilidade deste mundo, adonde todos ne ls spressamos na mesma lhéngua, inda que cun códigos defrentes, pus ls cochino num pian nin las abes roncam! que çparate! *(rebola de riso e logo se compõe, com movimentos ritualísticos.)*

outra criança - deixa-me arrumar ls planetas ne l bolso. *(e surge uma carreirinha de berlindes em forma de planeta, ou vice-versa, que ele mete ao bolso como se fosse uma rotina metódica e apressada.)* anda, ampeça, quedei ansioso, pus yá stou hai millones d'anhos a la spera! *(rebola de riso e fica numa posição felina e muito atento.)*

criança - na mie minte han-de star siempre bibos ls nacidos de l suor, segunda raiz de la Ronda. bebian nun lugar chamado heiperbóreo !fúrun l'auga biba d'adonde brotou la cuncência. Todos nacemos desse mesmo saco amniótico, dessa inocência. Depois ganhamos esta forma mortal i bertebrada. La matéria ye un momiento probísório, sabies?

outra criança - saber, sabor... *(ri.)* sabe-me bien mas nun sei dezir-te. continua...

criança - guiában-se puls anstintot sprituales... a partir de cierto die, ampeçórun a quedar mais densos até qu'un puso un uobo! Ampeçórun a nacer de si mesmos mas d'outra forma! i fúrun estes heirmafroditas, Lemurianos, ls purmeiros a tener sexo! *(ri.)* fúrun eilhes que dórun ourige als gigantones de ls Atlantes! ls fundadores desta raça cansada qu'anda pula Tierra agora...



*é o mistério à luz
total! misteriosa
linguagem encan-
tatória que vem do
fundo dos tempos...
o homem tropeça na
sua própria roupa.*



às vezes, al ber las medusas, lembro-me de que puoden ser heiperbóreos amigos mas eilhas puoden matar-mos, anton quedo-m' a pensar...

outra criança - cuntinua, nun te pongas a pensar agora!

criança - *(faz um sinal às mulheres de negro que aparecem todas com as mãos em fogo. as outras crianças assim como o guerreiro espartano vêm juntar-se. a mulher escarlate, serpenteia todos os gregos arbóreos até chegar a uma fraga próxima onde se deita. a criança começa a cantar orquestrando um jogo de palmas.)*

a mente mata o real
tu matas o assassino
que os teus olhos se tornem cegos à ilusão
que o som interior mate o ruído exterior
e os teus sonhos sejam pirilampos de oiro
volantes da tua criação

quando a tua alma se unir ao Grande Silêncio
poderá recordar-se ao nascer do Sol e então cantar dentro da carne o regresso à Ilha Sagrada

os que se lamentam dentro do castelo da ilusão
perecem na terra
como tartarugas tímidas dentro da máscara

(orquestram o mesmo jogo de palmas.)

a mente mata o real
tu matas o assassino
que os teus olhos se tornem cegos à ilusão
que o som interior mate o ruído exterior
e os teus sonhos sejam pirilampos de oiro
volantes da tua criação

(surgem os vadios da praia banhados

de luz roxa.)

outra criança - os Mahatmas!
(os vadios, aliás, os mahatmas, fazem uma ténue e ligeira vénia ao som emitido pela criança.)

coro dos mahatmas - Om *(som que se prolonga.)*

criança - só ao chegares ao fim da senda ouvirás o silêncio
sobre as asas do Grande Pássaro!
(as mulheres de negro repetem em coro. há um silêncio. do plano superior surge Ísis sentada num trono em cânticos guturais. deixa cair um grande véu sobre as criaturas. tudo se transforma num grande leito aquático.)

fim





O Sonhador ainda não despertou

.:gmr.:.



*"The dreamer is still asleep
The dreamer is still asleep
He's inventing landscapes in
their magnetic fields
Working out a means of escape
We'll cut across the crop circles
(...)
Hush; may I ask you all for si-
lence?
Will he wake in time to catch
the sunset?"*

COIL in *The Dreamer is Still Asleep*

Não me recordo da maioria dos sonhos que tive nos últimos anos. Cada pessoa tem 3 a 5 sonhos por noite, alguns mais, mas eu não me recordo da maioria dos meus, não sei porquê.

No meu campo magnético não crio paisagens; vejo as que foram criadas para mim, com decidida estranheza sem dúvida, e às vezes as familiares não me parecem assim tão familiares. Nem sei bem o que sinto; como se interceptasse dois planos, com aquela estranheza de quem não é bem daqui mas que ainda não está exactamente "lá".

Nas antiguidades que conhecemos, os sonhos eram vistos como coisa do além, literalmente. Para uns os tempos sem Tempo da criação original, para outros, um local onde as almas passeavam enquanto dormíamos.

Sei que outras pessoas já sentiram que se encontravam num sonho, que as suas vidas eram uma projecção de alguma outra consciência. É bem possível que assim seja, nunca se sabe. Nos sonhos, tudo isso é possível sem dúvida.

Um sonho, um conceito, a formulação de uma ideia. Só isso e um Universo é feito. Pode parecer-nos que seria necessário bem mais do que isto para tamanha façanha, mas na verdade não. Até os menos favorecidos pelo dom da criatividade conseguem conceber um pequeno Todo na sua mente, e povoá-lo com alguns seres; estou certo que

os mais sensíveis à magia do Belo consigam criar algo ainda mais sublime.

O Sonho de uma Sombra

"There is the deep and appealing notion that the universe is but a dream of the god who, after a hundred Brahma years, dissolves himself into a dreamless sleep. The universe dissolves with him - until, after another Brahma century, he stirs, recomposes himself and begins again to dream the cosmic dream.

Meanwhile, elsewhere, there are an infinite number of universes, each with its own god dreaming the cosmic dream. These great ideas are tempered by another, perhaps greater. It is said that men may not be the dreams of gods, but rather that the gods are the dreams of men."

Carl Sagan in *Cosmos*

O Carl Sagan como o bom homem de ciências exactas, não pode conceber que seja de outro modo, e eu compreendo mas não aceito. Píndaro disse que éramos o sonho de uma sombra e a mim soou-me melhor.

Em boa verdade, podemos ser os sonhos de uma sombra e sermos nós a sonharmos os deuses enquanto outros deuses sonham com sombras.

Sucessão de imagens, ideias, sensações e emoções: é isto que são os sonhos de acordo com as nossas definições contemporâneas. Nenhuma destas coisas está fixada no Real em absoluto, de tal modo que não se possam também manifestar noutros suportes, ou planos.

Posto de outro modo: aquilo a que convencionámos chamar Vida é, largamente, um suceder de imagens, ideias, sensações e emoções; a diferença entre Vida e Sonho não é tão tangível quanto o que pensamos. Estou a simplificar um pouco, estou ciente disso.

Os sentidos, é sabido, não são de confiança e então averiguar a realidade do real torna-se objecto de penosa investigação. Muitos tomos se têm escrito sobre tudo isto e, parece-me, nenhum foi definitivo. Ora se os mais sábios que eu não conseguiram conceber um modelo definitivo da realidade, afigura-se-me como exercício fútil ser eu a tentar fazê-lo.

O que eu entendi do que aprendi, pela minha própria experiência e pela experiência partilhada por outros, é que a percepção do que é o Real tem

variado - possivelmente, mercê de algum dos tomos acima mencionado - ao longo dos tempos e das sociedades. Isto atesta, no mínimo, a volatilidade do Real, que demonstra aversão em fixar-se demoradamente.

Se é volátil, é flexível. Sendo flexível não é rígido. (jogos de palavras, que de pouco valem).

A Vida como Sonho - O Sonho como Vida

Todos, em algum ponto, aceitámos o Real. Ou nos foi explicado, ou ouvimos falar dele e passámos a acolhê-lo como sendo o todo do Tudo. E assim, por comum acordo, quando se fala dele, em cada um de nós se acende uma pequena luz vaga e difusa que nos assegura que está tudo bem porque tudo continua a existir.

De quando em vez, todo o mundo se ilumina com um clarão tal, que de repente percebemos que aquilo que pensávamos ser uma parede de granito era na verdade um cenário no qual tinha sido investida muita atenção ao detalhe.

Nesses momentos ou ficámos loucos ou despertámos, ou ambas que no fundo são uma e a mesma coisa.

O Louco do Tarot, o arcano Zero, sonha acordado abençoado pelo Sol que brilha sobre a sua cabeça. Creio que o mistério reside nesse sonhar desperto.

Acordar não é estritamente deixar de dormir. Acordar é despertar.

Assim o Louco pode ser todas as outras cartas ou nenhuma delas. Se até um Tolo consegue ser todo um baralho...

Este sítio é um sonho.

Apenas os que dormem o consideram real.

Então a morte chega como o amanhecer,

*E acordas a rir-te
daquilo que julgavas ser a tua tristeza.*

(...)

*Um homem vai dormir na cidade
onde sempre viveu, e sonha que
vive noutra cidade.*

*No sonho, ele não se recorda
da cidade na qual ele dorme na sua
cama,
e sonha que está a viver noutra cidade.*

O Mundo é esse tipo de sonho.

(...)



O Sonhador ainda não despertou

*A Humanidade está a ser guiada pela evolução,
através desta migração de inteligências,
e embora pareça que estamos a dormir,
há uma vigília interna,
que comanda o sonho
e que eventualmente nos despertará de volta
à verdade de quem somos.*

Mawlānā Jalāl-ad-Dīn Muhammad Rūmī in *O Sonho que deve ser interpretado*

No outro dia estava a assistir à gravação de uma palestra dada por um senhor chamado Grant Morrisson - de quem nunca ouvira falar antes, apesar de ser um autor relativamente conhecido, que criou uma "hipersigilização" sob a forma de uma BD chamada *The*

Invisibles. Ele tinha sido convidado para falar sobre sigilos e a determinada altura diz que apesar de muitas pessoas lerem os livros escritos pelo Aleister Crowley, ou pelo Osman Spare, as pessoas não praticavam os preceitos neles expressos, mas que se o fizessem, constatariam que muitas coisas resultariam de facto.

A Magia resulta de facto afirma ele. Eu acredito.

De acordo com os adeptos da Chaos Magick, o acto de criar um sigilo passa por colocar o símbolo de uma vontade/desejo no subconsciente de modo a que este se manifeste. Isto passa por manifestar audivelmente a intenção, escrevê-la e depois torná-la abstracta para por fim incorporar essa codificação, assim disfarçada, no subconsciente.

Portanto, os sigilos actuam na Terra dos Sonhos e manifestam-se no nosso consciente. O veículo é a Intenção ou, a Vontade.

Se esta promiscuidade entre o mundo onírico e o mundo objectivo é de tal ordem, pergunto-me que outras se verificarão entre todas as coisas que temos como certas para validar a ordem das coisas que existem.

O Sonho como Vontade então. Isto leva-nos atrás: ao sonho de uma sombra.

Nesta fase da minha vida, aceito muitos cenários possíveis. Na verdade, conquanto sejam estruturados, aceito-os todos. Ainda que eu sinta que sou uma consciência - com tudo o que sentir carrega de pouco objectivo - sinto igualmente que actuo numa encenação de alguma outra consciência; e sinto isto com alguma regularidade, asseguro. Isto não é dizer que deus criou o Mundo e eu me encontro sujeito às inefáveis e imutáveis leis do Destino, não. Isto é dizer que uma consciência qualquer concebeu qualquer coisa onde a minha consciência participa de qualquer modo; e posso muito bem ser o sonho de uma sombra e continuar eu próprio a sonhar com o que entender não me lembrar a seguir.

Eu já conhecia os sigilos porque li sobre outras coisas como runas e talismãs; desfolhando grimórios e contemplando tão misteriosas e evocativas imagens, compreendi cedo que aquilo que eu via era como um Sudário de Turim que guardava uma impressão de um ser que ali se tinha fixado momentaneamente. Porque a verdade é





que um bom sigilo ganha vida e passa a existir com um propósito num outro plano, deixando para trás uma fotografia como recordação.

No Hávámál, um dos poemas da Edda, para além de detalhar como Odhin “regressou” após o seu auto-sacrifício, também acrescenta algo relacionado com o uso das runas - num sentido operativo, deduzo eu - e é perguntado se *“as sabem gravar, se as sabem ler, se as sabem colorir, se as sabem demonstrar, se sabem perguntar, se sabem sacrificar, se sabem como as enviar e sabem como as dispendar?”*

De certo modo, o Futhark pode ser visto como um sigilo poderoso composto por diversos símbolos que constituem uma linguagem mágica utilizada por sonhadores de mundos. As runas ou muitos outros sistemas gráficos cuja intenção é mágica, tanto faz. O sincretismo não se aplica nestas coisas digo eu, e para mim, tal é prova suficiente de que existe uma realidade distinta com a qual é possível estabelecer pontes através do uso de determinados signos, símbolos ou figuras.

Um sigilo extraordinário pode muito bem criar todo o Mundo, digo.

Existe um clarão, uma consciência, a Unidade que irradia a luz, essa mesma luz que abençoa o louco porque o ilumina, cria a sombra sonhadora. Quando até os psicanalistas nos reconhecem a potência no lado sombra, como é possível não compreendermos que as ligações de tudo o manifesto são misteriosamente simples?

A lógica é perversa mas real. Habitúamo-nos a entender a nossa vivência em termos de falsos dilemas; optamos por uma ou outra situação por nos esquecermos, ou ignorarmos, que existem outras. Os hindús têm um conceito maravilhoso para isto: Maya, a divindade que perpetua a Ilusão da Dualidade. Maya é o sonho criado por nós para apreendermos o ambiente em que nos encontramos.

Faz o que queres e isso será a totalidade da Lei

Cada um de nós pode fazer o que quiser. É uma verdade absoluta. Temos em nós a capacidade de sonharmos o que entendermos e vivê-lo.

A realidade é mesmo alterada pela nossa vontade, talvez não sempre da maneira que desejamos, mas é-o sem dúvida. Tudo está interligado de facto. Existem infinitas ligações entre as coisas e todas elas interagem de modos que não conseguimos compreender ou

apreciar.

O Ego é uma armadilha conhecida de praticamente todos os sábios antigos e modernos. Compreendendo a simplicidade com que consegue ver os seus desejos realizarem-se, muitas almas se perderam ficando aprisionadas para sempre neste seu sonho. O Fausto não é bem só uma história.

Eu subscrevo muito do pensamento Pitagórico e vejo uma beleza visionária nas leituras cabalísticas do Aleister Crowley, e assim acredito que tudo isto terá começado algures e que esse algures no tempo sem tempo é a Unidade.

Por vezes sinto que muitas pessoas não prestam atenção às palavras quando as lêem, o que é uma pena porque apesar de tudo, são o que temos.

Muitos de nós estarão familiarizados com o termo “Inconsciente Colectivo” graças a popularização do conceito através dos meios eruditos e da própria cultura popular. O que me espanta é não se perder muito tempo a pensar ou a falar do “Consciente Colectivo”, que soa a coisa má e própria de insectos como as formigas ou as abelhas - aqui não é o lugar para considerar a injustiça da má reputação atribuída a essas civilizações de insectos ancestrais, que tão belas obras produzem.

Mais uma Revolução, ou Revelação

O Ego é uma armadilha conhecida de praticamente todos os sábios antigos e modernos.

Eu que sou desconfiado, sinto que esta ausência de discurso sobre tal é suspeita. Parece demasiado intencional o silêncio sobre a ideia ou até a sua demonização. A separação dos sexos, ou a dissolução do hermafrodita, lembra-nos que existiu algo distinto, unido que se separou. Eu não sei o que sucedeu para tal se verificar, nem em que termos é que tal operação se realizou, mas sinto que sou incompleto e nessa ideia encontro uma resposta.

Eu sou relativamente novo, ainda não vivi tantos anos assim, mas nos que vivi tenho observado como o individualismo se tem convertido em egoísmo e como muitas ferramentas foram criadas e desenvolvidas para promover a nossa auto-confinação a celas muito bem decoradas de liberdade. O pensamento mais moderno, não satisfeito em ter colocado a Humani-





Eu acredito que o Paraíso é real e acessível a todos, mas não através das boas acções e da vida piedosa, antes, abandonando tudo o que é acessório da nossa Consciência verdadeira.

dade no centro de tudo, expandiu os conceitos e colocou cada um dos seus indivíduos no centro de tudo; ter-se-à porventura esquecido de os informar que esse tudo do qual eles ocupavam a posição cimeira não era de facto um centro, menos ainda o Centro. O Eixo Imóvel é Uno, não é múltiplo.

O Sr. Morrisson questionou, e bem, o que sucederia se cada um de nós deixasse de cultivar o seu ego e desenvolver a sua individualidade, quebrando as cadeias que nos mantêm a todos em (des)ilusão completa. Se de um momento para o outro, todos os indivíduos tomassem consciência do que são realmente, não haveria como parar uma grande revolução.

Cristo afirmou que era o filho de Deus mas os agrilhoados do Espírito não entenderam que ele só estava a dizer que também nós, humanos como ele, o éramos e que o “Reino dos Céus” era acessível a todos. Era essa igualmente a mensagem de Crowley com a

chegada do novo Aeon. Cada um dos sábios que tem aparecido para nos tentar explicar que este mundo não é bem só isto que nos parecesse, desenvolveu doutrinas adaptadas a quem as escutava, bem como ferramentas para pôr as doutrinas em prática, mas atentar nas palavras já é difícil, compreendê-las um esforço demasiado grande para alguns e, em última instância, acreditar suficientemente nas doutrinas para as aplicar de facto é um passo que a maioria não quer dar, consciente ou inconscientemente, porque receia perder a segurança e o conforto que as pequenas mentiras nos trazem.

O Sonho Perdido

Existem muitas leituras possíveis para o Mito do Jardim do Éden, e todas elas são boas imagino. Eu acredito que o Paraíso é real e acessível a todos, mas não através das boas acções e da vida piedosa, antes, abandonando tudo o que é acessório da nossa Consciência verdadeira. Despojados das mais simples paixões, as virtudes emergem naturalmente em nós e o *pathos* pessoal altera-se espontaneamente. É certo que abandonando as paixões, o *pathos* pessoal deixa de ser relevante.

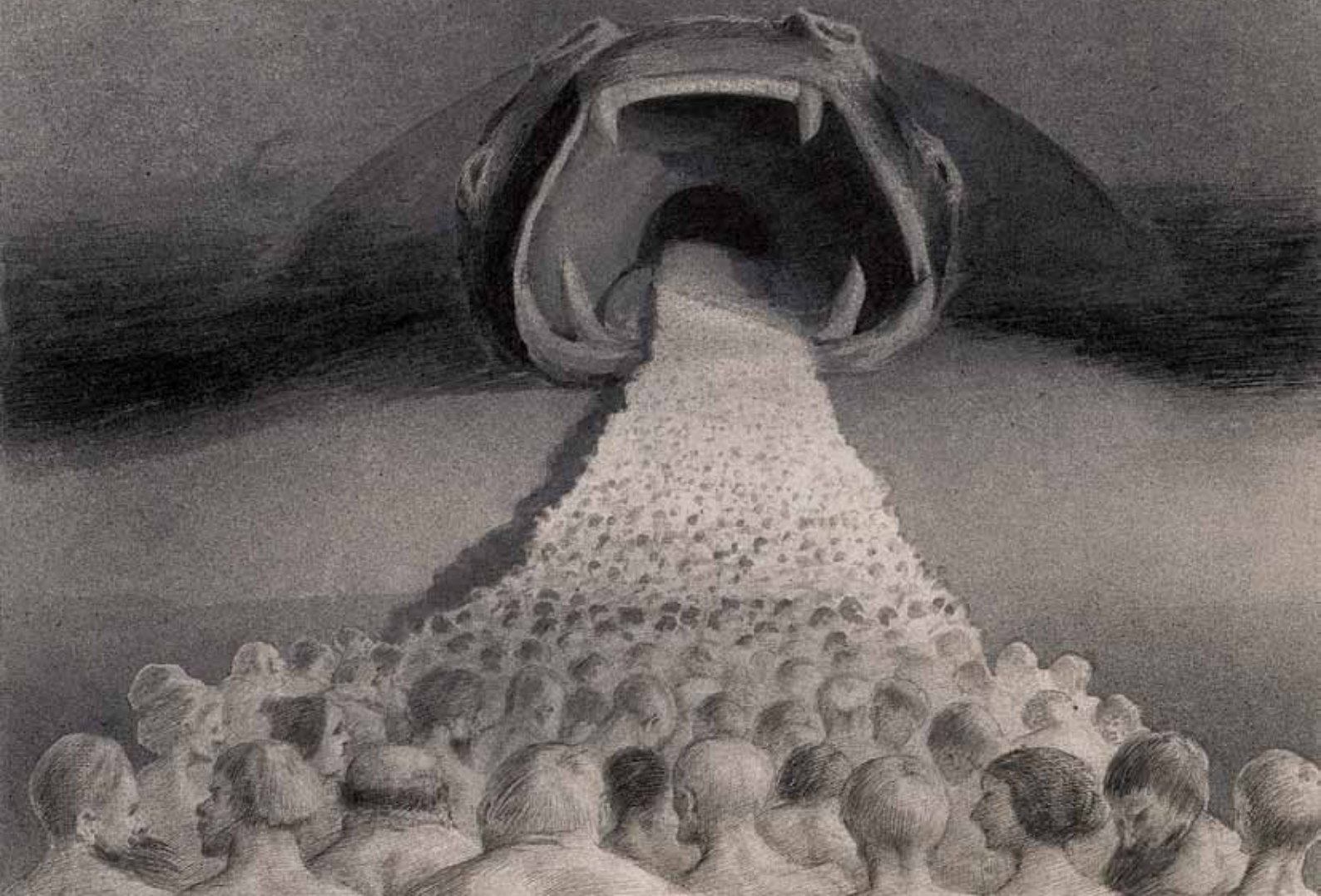
Quando o *pathos* pessoal se torna menos importante que a realização do *pathos* colectivo, a Verdade manifesta-se nos corações e então, reunidos com o Absoluto, a solidão desaparece e com ela todos os resquícios da nossa derradeira prisão, o Eu.

O Louco, o alfa e o omega, caminha em direcção ao Abismo sem prestar grande atenção ao cão (ou gato) que esfarrapa a sua roupa, tentando trazê-lo de volta ao “real”. O Louco não é parvo, tem no seu coração a determinação que lhe permitirá dar o salto de fé para esse Absimo que nada mais é que a dissolução absoluta do Eu. Sacrificando a Razão e entregando-se a essa loucura irracional conseguiremos atingir a libertação total que nos reúne.

Reunir, voltar a tornar uno. Assim é o sonho do Um que se expandiu pelos espaços que criou, e esse anseio, tenho quase a certeza, repercute-se em todas as partes mais infinitesimais de tudo o que se criou através dessa expansão.

Acordaremos a tempo de apanhar o Pôr-do-Sol?





Acheronta Movebo

Júlio Mendes Rodrigo

" O artista é o intérprete dos segredos da alma e do seu tempo sem o desejar, como os verdadeiros profetas, e por vezes de uma forma inconsciente, como se fosse um sonâmbulo. Ele imagina que as suas afirmações provêm do fundo de si mesmo, mas na verdade é o espírito do tempo que fala pela sua boca, e se aquilo que ele diz existe é porque esse espírito age."

C.G. Jung

Zeitgeist

O psicanalista helvético, Arno Gruen, utiliza uma palavra curiosa para designar um mal moderno. A "normopatia", de acordo com o ilustre psicanalista, designa a doença colectiva a que damos o nome de *normalidade*. Penso poder afirmar que, actualmente, a Humanidade sobrevive numa hiper-modernidade *liquefeita*, onde o signo usurpou o trono ancestral do *Símbolo* enquanto modo autónomo de conhecimento. Quiçá, por influência directa dos ditames ditatoriais, impostos por uma sociedade massificada, passou o Homem Contemporâneo a viver por procuração. Procuração interposta por meras e ilusórias simulações, apanágio tão característico desta idade *meta-vulgar*.

Ainda muito recentemente Vargas Llosa, em entrevista ao jornal espanhol

El País, a propósito da publicação do seu novo ensaio intitulado *A Civilização do Espectáculo*, afirmava que nesta contemporaneidade onde "não há maneira de saber o que é a cultura, tudo é cultura e já não o é". A "dissolução de hierarquias e referentes" é, para o autor peruano, uma clara consequência do "triunfo da frivolidade, do reinado universal do entretenimento".

Não deixará de ser relevante constatar que a sociedade contemporânea assistiu ao desaparecimento da chamada *Galáxia de Gutenberg*, na acepção estabelecida por Marshall McLuhan, em detrimento de uma sociedade alicerçada nas imagens visuais. A inflação e, inclusive, sobreexcitação de todo o tipo de imagens, paradoxalmente, não conduzem à criação e estabelecimento de uma "poética do devaneio", tal como foi definida por Gaston Bachelard. Assim, o Homem Moderno mantém com



a Imagem uma relação idolátrica permitida pelo progresso das técnicas de produção e reprodução das mesmas, mantendo por outro lado, uma desconfiança quase iconoclasta, não conseguindo discernir a sua sede inconsciente de *Imagens* e de *Sonhos*.

Mircea Eliade, autor que considero como uma figura tutelar, na sua obra *Imagens e Símbolos*, afirma de forma contundente que a dessacralização ininterrupta do Homem Moderno alterou o conteúdo da sua vida espiritual, mas não quebrou de forma definitiva as matrizes da sua *Imaginação*. De acordo com este autor, existe ainda, todo um resíduo mitológico que sobrevive nas zonas mal controladas. Só do Homem Moderno depende, ou não, despertar esse tesouro inestimável de *Imagens* que transporta consigo, ainda que de forma inconsciente, mercê da letargia totalitária a que se auto-impôs.

A implantação do “reino” do algoritmo matemático, na sua acepção *gueloniana*, a universalidade do racionalismo e a regionalização do símbolo, a progressiva perda de importância por parte do *Imaginário*, levam a que a “doença mental”, a “neurose”, tenham como origem uma deficiência da função simbólica que cria um desequilíbrio que submerge o princípio de individuação através de duas formas:

a) Pela dominância das pulsões instintivas que já não conseguem “simbolizar” de forma consciente a energia que as anima, levando a que, o indivíduo, em vez de se personalizar, se separe do mundo real.

b) Quando o equilíbrio é interrompido a favor da consciência clara,

assistindo-se então, a um duplo processo de liquidação, liquidação do símbolo que se reduz a signo, como já referenciamos anteriormente, liquidação da pessoa e da sua energia constitutiva metamorfoseada em *robot* mecânico animado apenas pelas “razões” do *consciente social* vigente.

O Real Imaginado

Coube aos artistas, mormente aqueles que de alguma forma desempenharam um papel pioneiro ou que granjearam um *status* de culto na Sétima Arte, o terem-nos legado obras, que analisadas e filtradas de forma retrospectiva, adquirem um estatuto, simultaneamente arqueológico, enquanto produtos culturais da sua época, mas também como precursoras ou profetizadoras dos sinais dos tempos.

Todos quantos se encontram familiarizados com a “tradição” cinematográfica vulgarmente designada como *Sinfonia das Cidades* terão certamente constatado que a grande maioria destes filmes enfatizava e exaltava a metrópole como o *topos* supremo e absoluto da Modernidade.

Através da utilização das mais variadas e ousadas técnicas experimentais, as *Sinfonias das Cidades* não evocavam apenas as urbes como os expoentes máximos da modernidade a nível arquitectónico, mas enalteciam também os ritmos, a cadência sincopada da vida moderna que então fazia “formigar” as grandes capitais da época. O cinema bucólico e herdeiro da pantomina dava lugar a um novo estilo a nível pictórico que inaugurava

***coube aos artistas,
mormente aqueles
que de alguma forma
desempenharam um
papel pioneiro ou que
granjearam um status
de culto na Sétima
Arte, o terem-nos
legado obras, que
analisadas e filtradas
de forma retrospectiva,
adquirem um
estatuto, ..., como
precursoras ou pro-
fetizadoras dos sinais
dos tempos.***

novas fronteiras. Encontramos neste género cinematográfico representações muito claras da Modernidade, tal e qual como foi preconizada por teóricos como Walter Benjamin ou Siegfried Kracauer.

Celebrando a dinâmica da vida urbana, as *Sinfonias das Cidades* sugeriam que o cinema era a melhor forma de expressão e o melhor meio para “capturar” estes fenómenos arautos de uma cada vez mais crescente modernidade, e na minha opinião, sinais inequívocos do triunfo e implementação do *Reino da Quantidade*.

Berlin: *Die Sinfonie der Großstadt*, filme realizado em 1927 por Walter Ruttmann, é comumente referenciado como a obra maior das *Sinfonias Urbanas*. O filme retrata de forma quase impressionista, a vida quotidiana de uma metrópole moderna, através de um registo muito próximo do documentário. Estética e formalmente vizinho da escola soviética do cinema de actualidades (*Kino Pravda*), cuja figura maior é sem sombra de dúvida Dziga Vertov, esta obra de Ruttmann é considerada pela crítica especializada, como uma





produção onde a apreciação social se encontra ausente em detrimento de uma abordagem em que se privilegia mais a estrutura e o experimentalismo. Todavia, considero que, ainda que de forma mais ou menos inconsciente, o olhar de Ruttmann terá cristalizado para a posteridade o *modus vivendi* das massas contemporâneas. Quer lhes chamemos *hordas selvagens* (Freud), ou *maiorias silenciosas* (Baudrillard). As multidões enquanto objecto de ciência e ainda enquanto campo de estudo de vultos como Ortega Y Gasset ou Gustav Le Bon, aparecem-nos retratadas de forma magistral neste filme.

A comparação entre a multidão, a manada de vacas e a marcha militar; os manequins numa vitrina e o casal vestido de acordo com as últimas tendências da moda; homens abastados servidos à mesa por criadas e o leão enjaulado enquanto degusta um enorme naco de carne, não podem deixar de constituir vislumbres sombrios de um *status quo* definitivamente institucionalizado.

O lançar de um olhar, ainda que menos atento ao nosso redor, atestará com toda a certeza que vivemos numa “sociedade de massa”, ainda que por vezes, e de forma politicamente correcta exista a tentação de apelidar a mesma de *multidões* ou de *públicos*. Se nos questionarmos acerca da forma como chegamos a este ponto de massificação-uniformização, chegaremos indubitavelmente à conclusão de que os *media*, se encontram na base desta situação.

Ao invés do que se poderia supor, esta situação não se explica simples-

mente pela concentração dos meios de produção e de troca, mas sim pelo desenvolvimento dos meios de comunicação de massas e subsequente fenómeno de *influência*. Assim, milhões de indivíduos ficam reféns (escravos) de uma espécie de *telepatia social* – daremos a título de exemplo as lucubrações diariamente proferidas, em tom sábio e detentor da suprema, única e absoluta *Verdade*, pelos leitores de jornais, ouvintes de rádio, espectadores dos dejectos (excrementos) produzidos pela televisão, e mais recentemente enquanto aprendizes autodidactas de um pseudo-jornalismo mediado via blogosfera e redes sociais – articulada intimamente com aquela fina e imperceptível mas omnipresente película ou membrana muito acertadamente apelidada de *Noosfera* por Teilhard de Chardin.

O olhar redutor, que a todas as horas deitamos sobre qualquer um dos veículos disseminadores do *Deserto do Real*, deixa-nos num catatónico e vegetativo estado de *Letargia Colectiva*. Faz-nos falta a mediação tecida através daquela invisível *cadeia de ouro* homérica, possibilitadora da ligação do criador ao universo criado, permitindo que as *coisas inferiores sejam governadas pelas superiores*, em consonância com uma lei inerente à própria *Ordem Natural*.

Dream:ON

Não tenhamos ilusões. O *Reino da Quantidade* encontra-se instituído no nosso acinzentado *Quotidiano Colectivo* mas não pretende ficar única e exclu-

sivamente no registo diurno da nossa existência.

Através da pergunta “*É possível influenciar o conteúdo dos sonhos?*”, noticiava um jornal diário nacional, que, Richard Wiseman, professor na Universidade de Hertfordshire, em Hatfield, na Inglaterra, decidiu obter resposta a esta indagação. Para tal, este psicólogo e ilusionista, procura voluntários para uma experiência que considerava inédita. Os participantes são convidados a fazer o *download* da aplicação “*Dream: On*” para os seus telemóveis que passarão a reproduzir sons agradáveis como, e passo a citar de acordo com o noticiado no jornal “*I*” do dia 23 de Abril do corrente ano, “*chilrear de pássaros em florestas ou o barulho das ondas do mar*”, enquanto dormem. Ao que parece, o objectivo é perceber se

vivemos numa “sociedade de massa”, ainda que por vezes, e de forma politicamente correcta exista a tentação de apelidar a mesma de multidões ou de públicos.



esses sons produzem sonhos agradáveis. Assim que o voluntário acordar deve enviar uma descrição detalhada daquilo que sonhou para o arquivo da experiência. Não sei bem porquê, mas esta proposta ecoa na minha mente desconfortáveis contornos distópicos assumidamente *déjà-vu*, em enredos *orwellianos* e *Philip K. Dickianos*. Ao entrar no *sítio* da aplicação, somos ainda presenteados com a informação de que através da mesma e a partir de agora podemos partilhar os nossos sonhos com toda a nossa rede de amigos no Facebook...

Incipit Vita Nova

"O lugar da liberdade é completamente diferente da mera oposição, diferente também daquele que a fuga lhe pode oferecer. Chamamos-lhe floresta. Nesse lugar há recursos diferentes do traçar um Não, que se coloca no círculo para isso previsto."

Ernst Jünger

Já no século XIII, Arnaud de Villeneuve, que para além de médico, foi um talentoso erudito que dominava o

grego, o árabe, as matemáticas, a filosofia, e ainda outras disciplinas como a astrologia, *oniromancia* e a cabala, afirmava no seu *Tractatus Visionum* que é necessário interpretar os sonhos do enfermo e fazer-lhe o horóscopo para se estabelecer o diagnóstico. Ciente de que o diagnóstico ao *Mundo Moderno*, ainda que através de perspectivas distintas, já há muito foi estabelecido por figuras como C.G. Jung, René Guenón, Julius Evola ou mesmo Anton Szandor La Vey, parece-me oportuno referir a possibilidade da adopção de uma atitude de não conformidade e de anti-colaboracionismo com todas as formas tentaculares ao serviço das "hordas selvagens".

Permitam-me então que convoque aqui a figura do *Desterrado* tal como foi enunciada por Ernst Jünger, no seu livro *O Passo da Floresta*, que é consensualmente reconhecido como o ensaio obrigatório para todos os que querem penetrar no pensamento do autor, e onde se esclarece um problema e se indica uma estratégia para o debelar. Trata-se de propor um caminho a ser trilhado por cada Ser Humano individualmente. De sentir o "chamamento e

partir para a floresta" por passos lentos mas sólidos, como são sempre os de um verdadeiro Homem Livre...

Nesta obra magna, Ernst Jünger traça o perfil da que para ele, é uma das três maiores figuras da nossa época – o *Desterrado* – aquele que adopta um *Caminho* e decide lutar pela sua liberdade e independência e dá "*O passo da floresta*". Fá-lo numa época de catástrofes onde mesmo em minoria os Homens podem ser poderosos, porque se encontram a si próprios na sua essência indivisível e indestrutível.

Caberá a cada um decidir se ainda quer continuar a fazer parte deste cenário tragicómico "*da vida das marionetas*" ou então encontrar nos interstícios mais profundos da sua Individualidade, a *prima matéria* que encontramos nos diálogos de *Morienus au roi Kalid*:

"Com efeito, essa coisa é de ti mesmo que tens de a extrair, porque tu és a mina onde ela se encontra."

Croca – Penafiel, Maio de 2012 *era vulgaris*





A estrada de pedra envelhecida

Aires Ferreira

A estrada de pedra envelhecida, no seu sono letárgico, recebe os meus leves passos em silêncio.

A brisa de uma noite demasiado gelada para caminhar nu, arde-me a carne, como um obrigatório despertar dos sentidos.

Sigo em direcção ao mar, para morrer.

Um cão preto pára e olha-me, sabendo que só um de nós não iria ficar naquela estrada, de pé. Disse-lhe que não iria morrer ali, apenas no mar. Salivando de raiva, acenou com a cabeça, desejando-me continuação de boa noite.

Sigo em direcção ao mar, para morrer.

Mais à frente, vários poetas, acenam apenas o braço, pois as suas mãos, as que haviam escrito os mais belos textos, foram decepadas por uma qualquer lunática rainha, chama-

da Razão II.

Oferecem-me ópio, em beijos de língua, mesmo que com ela cortada, e a apodrecer. Agradeço e sigo a estrada de pedra envelhecida.

Sigo em direcção ao mar, para morrer.

Nas paisagens de verde noite, vejo soldados esventrados, corpos nus gaseados, sementes que apodrecem sem pressa alguma na terra, demasiado cansada e farta do animal que a rasga, pesa, destrói, queima...

Vejo a Terra, em fúria ardente, consumir todos os corpos de todos os homens, fazendo-lhes a carne apodrecer, ainda pegada aos ossos!

O silêncio nasce, na sua apatia satisfeita pelo justo extermínio da humanidade. Resto eu.

Sigo em direcção ao mar, para morrer.

Ouço os sinos, num badalar de fu-

neral. Vejo duas crianças, uma menina e um menino. Ela, de rosto apodrecido. Ele, de crânio rasgado por vidro. Dizem que me apresse, que não vá em frente, decorre o meu funeral, no outro lado, no sol nascente.

Digo-lhe que não morria ainda, e num sorriso eles percebem a minha mentira.

Deus cai do céu, na verdadeira vergonha de ter falhado em tudo, aproveito enquanto os meninos lhe comem a carne como hienas sedentas... e

Sigo em direcção ao mar, para morrer.

Sigo em direcção ao mar, para morrer. Nas ondas de uma tempestade que se move só para mim, num silêncio que rasga. Com a água salgada nas pernas cortadas, olho uma última vez para trás, vendo que a estrada permanece, a Terra não mais adoece e eu,

Sigo em direcção ao mar, para morrer.



Entre
Paulo C



Paulo César, fotógrafo e cidadão do mundo, foi entrevistado para a Infernus, feliz e finalmente. Num número em que se foca também o Sonho, vamos conhecer melhor a personalidade de um artista português que tem vindo a colaborar com esta revista e que já nos presenteou com alguns dos seus trabalhos fotográficos de qualidade.

Quem é o Paulo César?

Paulo César é um homem que cada vez mais pensa que a sua maior característica é ser disponível, estar disponível para os outros, para ajudar que os outros sejam melhores outros do que foram ontem. Acredito profundamente que isolado não somos nada e que unindo energias podemos ser muito mais, acredito que a fotografia e fotografar pessoas me ajuda neste processo. A maioria de nós não se sente tão especial como as outras pessoas, que conseguem fazer aquelas tais fotos, que têm aquele rosto marcante, aquele corpo perfeito.... E dá-me uma enorme satisfação quando a grande maioria depois de ver as fotos que fez conclui que afinal eu também estou lá, eu também sou capaz.

O concurso que criei em 2009 no facebook, o miss e mister FB Portugal, o primeiro a nível nacional com rapazes e raparigas vem também na continuidade desta vontade de motivar os outros, de constatar que as pessoas cresceram desde o início ao fim do concurso, e não se trata apenas da auto-estima quanto ao que se vê por fora, mas muito também ao nível do que é menos perceptível aos menos atentos... Ou seja ao que modifica e melhora por dentro :)

Como e quando é que começaste no mundo da Fotografia?

Desde sempre que a fotografia, seja a fotografar ou a ver fotos, faz parte do meu dia a dia, e em pequeno enquanto que muitos queriam ser bombeiros, astronautas, pilotos de fórmula 1, eu queria passar a vida a viajar e a fotografar os locais, registrar para que todos pudessem ver o que os meus olhos já tinham visto. Mais a sério na universidade, era quase sempre eu o *freak* que andava muitas vezes com a máquina na mão, o tal que gastava as mesadas a revelar as fotos. Em 2006 inscrevi-me no site Olhares e aí não fotografo

só para mim, para os meus amigos, mas também para todas as pessoas que acediam ao site e viam também as minhas fotos, as comentavam e colocavam como favoritas: Era de facto uma satisfação enorme, tal como foi ter a primeira foto minha a ser pedida para publicarem numa revista de fotografia, hoje em dia é raro o dia que não passe ou a fotografar ou a editar fotos.

Se conseguisses realçar algumas características e qualidades do teu estilo fotográfico (se assim puder designar) quais realçarias?

Existem dois nomes que deram ao meu trabalho e um deles penso que até foi usado por uma revista no nome que deram ao artigo/portefólio que publicou meu e que é "retratista das almas". Gosto bastante, pois mais do que querer que as pessoas fiquem valorizadas, gosto que nos retratos seja transmitida uma verdade, uma verdade interior, que seja autêntico e genuíno o olhar, a expressão. O outro nome foi "romântico digital" que também acho muito piada, pois é o digital que uso, gosto da edição, e gosto de que o romantismo, que nem sempre é feliz e luminoso, esteja associado ao meu trabalho, gosto de fotografar com luz natural, gosto dessa dificuldade e do facto de não controlarmos tudo, e com isso provavelmente deixar fluir o essencial, e isso depende de cada um de nós pois somos todos seres únicos.

Tens alguma fotografia ideal, fotografia favorita ou fotografia perfeita que ainda não tenhas conseguido produzir?

Fotografia ideal é sempre aquela que está por acontecer, e é de novo a questão de ser hoje melhor que ontem, e amanhã melhor que hoje, entendendo também que a vida é um biorritmo, e que oscila, que tem altos e baixos.

revista
César
Mosath

*em pequeno enquanto
que muitos queriam
ser bombeiros, astro-
nautas, pilotos de fór-
mula 1, eu queria pas-
sar a vida a viajar e a
fotografar os locais*



os sonhos sejam tangíveis, que a utopia ajude a criar sonhos e a aumentá-los, pois a utopia para mim é o sonho sempre por alcançar

Mas crescer é também nos momentos baixos de hoje ser melhor dos que nos de ontem, mas quanto à foto... Foto ideal é aquela que quando estamos a ver um livro, uma revista de fotografias nos faz parar nela, nos faz não virar a página, ou não dar um *click* no rato para avançar para a foto seguinte. Não há receita, pois há milhares de fotos que já ao vê-las parei... Pode ser o olhar, a luz, a sombra, o local... Tantas pequenas e grandes coisas que juntas fizeram com que esse momento fosse especial e muitas vezes a diferença está nas subtilidades que não são mensurá-

veis. Gosto de fazer retratos, gosto de fazer nus, mas tenho urbanismos que fiz e gosto imenso e me sinto orgulhoso quando olho para eles, e acredito que sabe muito bem olhar para o que fazemos com o coração e sentir que correu muito bem.

A temática geral desta *Infernus* é O Sonho, A Utopia. Que sentimentos te despertam estas palavras?

Uma boa temática, e em termos de fotografia, tema para muitas e boas fotos seguramente. Que os sonhos sejam tangíveis, que a utopia ajude a criar sonhos e a aumentá-los, pois a utopia para mim é o sonho sempre por alcançar, mas o gozo maior de viver é mesmo caminhar em busca daquilo que achamos ser o melhor para nós e para quem queremos bem.

Em que sentido pensas que o Homem pode melhorar ou inovar: a partir dos sonhos individuais para acções ou a partir da razão colectiva para acções?

O homem pode e deve melhorar, estamos numa fase da humanidade em que vamos ter de voltar ao outro (sem nos esquecermos de nós) mas libertos da pressão de olhar sempre e em demasia para o nosso umbigo. E a melhoria tem e deve passar pela dis-

ponibilidade ao outro, na atenção ao outro, o todo será sempre o somatório das partes, quanto melhores as partes melhor todos conseguiremos fazer. Vivemos num mundo em que tudo acontece no agora, e o que aconteceu no ano passado já é pré-histórico, de consumo fácil e rápido, num mundo de excessos e de tanta coisa descartável, e em que fomos incutidos a usar e deitar fora e isso a todos os níveis. Tudo ou quase de fácil acesso e a muitas pessoas, e uma minoria comanda conscientemente ou não este imenso rebanho, pelo que para mim o caminho é "re-centrar" o foco de evolução, que será provavelmente mais espiritual e menos material, e temos tudo para sermos melhores, e melhor não implica de todo ter mais, mas sim SER mais.

Que sonhos alcançaste já na tua vida, de que modo os alcançaste e que sonhos esperas ainda realizar?

Sinto-me realizado, já viajei e fotografei muito, mas sou exigente comigo, sei que o horizonte está sempre longe e que tudo está por fazer. Não lamento o que não fiz, espero sim estar atento e conseguir fazer o que tenho para fazer, seja o que for. Já vou fazer 40 anos este ano, provavelmente metade do caminho nesta vida já foi, se fiz tudo o que poderia ter feito? Provavelmente mui-





to pouco do possível, mas bem comigo mesmo pois em cada situação dei o melhor de mim. Se foi o suficiente não sei, mas cá estou eu para continuar a dar o melhor do que tenho, do que sei, do meu empenho e da minha vontade, sonhos materiais e palpáveis... Quero livros de fotografia em nome próprio. Se tenho lutado para isso acontecer?, Provavelmente não, mas sei que estou disponível e quero que aconteçam, quero continuar a motivar, incentivar, ajudar os outros, sei que a fotografia é uma bela ferramenta para o conseguir.

Como é que descreverias a tua atitude ou filosofia quanto à vida, à obtenção de vitórias e prazeres pessoais?

Muito do que já escrevi nas outras respostas responde a esta pergunta. Quero ser melhor do que ontem, não faço ideia de qual é o caminho, mas estou cá para caminhar, para estar atento aos outros e às situações, para tentar ver as coisas de fora e não apenas centrado no meu umbigo. Sei que falhei muitas vezes, sei que vou falhar muitas mais, mas não tenho receio de viver e tudo faz parte deste fantástico caminho. vou errar, vou acertar, vou crescer, vou fazer, vou dar, vou receber, mas acima de tudo viver.

O que é que ouves comentar acerca de Satanismo em Portugal?

Penso e acredito que existe muita desinformação, e daquilo que não conhecemos e receamos ou não falamos ou dizemos que é mau, e depende de todos nós e em tudo o que acreditarmos fazer com que os outros consigam ver um pouco as coisas que acreditamos com os olhos e coração como nós as vemos. Provavelmente o vosso papel com a revista é fazerem isso, ajudarem os outros a ver sentir um pouco como vocês.

És uma pessoa muito viajada: que locais eleges como sendo os teus preferidos e porquê?

Viajar devia ser algo obrigatório por lei e que todas as pessoas pudessem fazer várias vezes na vida. Abre os horizontes e faz-nos ver e sentir que por muito que achemos que já sabemos, que afinal está quase tudo para ver e saber. Esta imensidão de espaços, cores, pessoas, tradições, viveres, são uma enorme riqueza que todos deveríamos poder viver. Locais a voltar: Istambul na Turquia, Egipto, Islândia, e tantos tantos outros a repetir e muitos mais a querer conhecer. O porquê acho que tem muito a ver com o que sentimos na altura que chegamos aos



locais, com o que vimos. Eu gosto da diferença e gosto de estar em sítios que me fazem de facto sentir isso mesmo, mas também gostei da sensação de chegar a Paris e estar debaixo da torre Eiffel que é de facto um monumento que me surpreendeu. Ou de ver o Big Ben, de ter tido a sorte de ter estado no cimo de uma das Twin Towers que infelizmente já não existem, ou de entrar dentro da grande pirâmide. Por isso eu que não fumo, raramente e apenas socialmente bebo, não tenho carro e não conduzo, canalizo para viajar tudo isso e acreditem que o prazer tem sido imenso.

Queres deixar algumas palavras aos nossos leitores e/ou aos interessados nas tuas fotografias e em Fotografia em geral?

Quero dizer que quem gosta da

fotografia deve fazer isso mesmo: fotografar... Não tentar seguir ninguém, mas encontrar a sua própria assinatura, pois se vamos atrás do que já fizeram nunca nos encontraremos a nós mesmos. Que se gostam é de ser fotografados que o façam, a timidez não nos faz falta nenhuma, e eu sou alguém que apesar de tímido e inseguro, passo a vida a fazer que os outros mudem isso mesmo. Que se quiserem fazer sessões de fotos que estou disponível e esse é o meu trabalho e que me podem contactar para o meu email pcesarphoto@hotmail.com, ver trabalhos meus no meu site www.paulocesar.eu ou na minha página no facebook : <https://www.facebook.com/PauloCesarPhotography>





Tumefacto

BM Resende

noites escorrem epilépticas nos ca-
belos do húmus
selváticas eclodidas das fendas da
carne
que engole um eixo germinado de
mundo

tumefacto é o facto de tu me fazeres

soçobram epidermes entre dedos
de riste
quando me possuis com o universo
o verso único
enterra-se para cima

tumefacto é o facto de tu me fazeres
a abóbada agreste desprende plu-
mas amarelas
para que a carne se coroe
tangida no gemido da saliva

tumefacto é o facto de tu me fazeres

olhos circundam a erectosfera en-
salivada de lua
a busca da cegueira
entre a catalepsia desapercibida do
rasante primevo

tumefacto é o facto de tu me fazeres
desenho raízes que não se decifram
em fetos que se desconhecem
pela inutilidade emparedada de
seivas labirínticas
envolvo-te fluída na minha rigidez

tumefacto é o facto de tu me fazeres



As Marionetas

Luís Couto



Há duas semanas que passava as minhas tardes no quarto de dormir, em frente ao espelho que preenche a parte central do guarda-fato.

Fixava com insistência a imagem reflectida dos meus olhos, procurando por um mundo maravilhoso que pudesse estar para lá deles, mas nada havia encontrado, pois a imagem reflectida pelo espelho é a mesma que consegue discernir o reflexo, não há diferença entre o reflexo e o que o gera. Ao ter percebido isso de forma inequivocamente clara, deixei de procurar por um qualquer mundo maravilhoso e passei a fixar o brilho dos olhos como não sendo mais do que isso mesmo. A partir daí, esse brilho começou a fornecer-me suficiente luz para discernir crianças com as bocas abertas de espanto, olhos de lobos nos quais se pode mergulhar sem nunca se encontrar o fundo, vermelhos cogumelos gigantes com pintas amarelas, dos quais se estendem sombras geradas por uma outra luz.

Distorcia o tempo através da vontade e por lá ficava durante meses (um mês no calendário próprio das visões pode corresponder a apenas um minuto no calendário das estações a que estamos habituados). Sei que tudo aquilo que via lá existe realmente: os vermelhos cogumelos gigantes, os meninos e meninas de boca aberta, os lobos de olhos impenetráveis, todos eles existem e são tão reais quanto a cal das paredes desta casa, quanto este beliscão que inflijo na minha pele, ou melhor, nesta pele que chamo de minha mas que, na realidade, não me pertence.

Ontem, enquanto fixava o espelho, surgiram pequenas luzes brancas, piscando, até que uma delas se tornou imóvel e começou a cescer, tingindo-se de tonalidades azuis à medida que aumentava de tamanho. Levou cerca de seis segundos até dominar toda a superfície do espelho, liquefazendo-o em seguida e, finalmente, condensando-se numa luz branca tremendamente forte – um halo em convulsão que ia adormecendo o meu corpo, órgão por órgão, membro por membro, sugando em seguida as partes dormentes para lá da superfície do espelho.

Levantei-me do chão coberto pelo manto branco da neve e olhei à minha volta. via crianças de cara muito redonda, com altos chapéus cónicos, percorrendo cabisbaixas cerca de duzentos metros numa direcção para, repentinamente, começarem a caminhar na direcção contrária. Os seus passos eram curtos e nervosos e imaginava

rostos preocupados debaixo dos longos chapéus.

A neve caía sem parar sobre os altos e velhos edifícios, com telhados grandes e íngremes, que ladeavam a rua, mas não sobre a própria rua; a neve que a preenchia, parecia-me que era aquela que caía dos telhados para os passeios, e que destes ia escorrendo para o meio da rua.

Depois de muito tempo percorrendo a rua que, a certa altura, parecia não ter fim, e encontrando sempre crianças cumprindo o estranho ritual de andarem duzentos metros numa direcção, seguindo em seguida na direcção contrária indefinidamente, alcancei um jardim circular, no centro de uma praça. Quarenta e nove árvores compunham o seu perímetro. Algumas crianças aglomeravam-se à volta do jardim e brincavam com marionetas. As marionetas tinham um brilho nos olhos. Eram como animais de estimação para as crianças.

Eram sete as crianças à volta do círculo a brincarem com as marionetas. Agora lembro-me. Os seus movimentos compunham uma triste canção de Inverno. Faltava-lhes nos olhos o brilho que as marionetas exibiam. Parecia que estas haviam-lhes roubado o brilho dos olhos.

Os passos das outras crianças eram lentos, fúnebres até, e curtos.

Como faço eu para continuar aqui? Não quero voltar a casa sem conhecer bem este sítio. Mas por que estou já do lado de fora? Como? Tantos mundos por explorar e como posso eu manter-me neles? O que tenho de fazer para os visitar? Mas para quê visitá-los a todos? São infinitos. Este pensamento leva-me a um quarto branco vazio. Não consigo ver o meu corpo dentro desse quarto.

Aí o quarto fica decorado com móveis renascentistas e roupas da mesma época cobrem o meu corpo sem que eu, no entanto, o consiga ver. Volto lá para fora, para junto das crianças e da neve. Vou para o jardim ter com as sete crianças que brincavam com marionetas.

Pergunto:

- Quem são as marionetas com que vocês brincam, o que representam?

Aí, o brilho dos olhos transferiu-se das marionetas para as crianças, a sua pele tornou-se novamente viva. Os seus olhos eram fixos e brilhantes, as-

sustadoramente fixos e sérios.

- Não sabes o que temos aqui nas nossas mãos?

Olharam umas para as outras e riram-se.

- São “vocês”. Este aqui és tu. Provocamos um movimento na marioneta e tu moves-te. Queres ver?

- Não respondes, mas vou à mesma mostrar-te como é.

Aí, fez o braço direito da marioneta levantar-se e dar uma chapada em si própria. Riu-se ao ver-me fazer os mesmos movimentos ao mesmo tempo.

- E há forma de eu desactivar a minha marioneta?

- O haver há, mas tu é que terás de descobrir, e duvido que sejas capaz de o fazer.

- Mas quem sois?

- Somos os teus companheiros, temos-te acompanhado por toda a tua vida. Nunca te interrogaste sobre o porquê dos teus actos? Porque algumas vezes és dominado por uma incontrolável fúria, outras por um desejo que te domina e te faz esquecer de tudo o resto? Talvez já não tenhas recordações precisas; aliás, se as tivesses, não poderias estar aqui a falar connosco. Nós só queríamos o teu coração, mas agora que nos estás a ver, não sei se conseguiremos obtê-lo...

O brilho nos olhos das crianças tornou a transferir-se para as marionetas, excepto uma que se havia mantido calada até ao momento e que então me disse:

- Era agora a minha vez de brincar contigo, mas vou devolver-te o controle por alguns momentos. O segredo é deixares que nós passemos através de ti, aceites-nos tal como somos, aceites que nós temos o poder de te controlar. Se aceites isso, eu nada poderei fazer de ti. Tu já estás tão próximo de encontrar a saída do labirinto. Lembra-te sempre disto: tu só queres regressar a casa, e se a tua viagem é de regresso, é porque conheces o caminho.

- Mas então porque saí de casa, se durante todo o tempo só quis a ela regressar?

- Talvez porque tenha sido necessário, porque te tenham chamado; ou porque seja necessário procurar para se encontrar aquilo que sempre se possuiu. Mas o meu domínio não é este.

Ao ouvir o som de sinos trazidos pelo vento afastei-me do jardim e, à medida que ia andando, sentia o vento húmido não apenas a trespassar-me o corpo, como a consumi-lo. Quando só a minha testa restava, voltei a senti-lo, mas desta vez no quarto de cama, de onde afinal nunca havia saído.



Um Sonho...

Lupum



A minha visão do mundo. A minha visão de uma parte. Um todo encaixado como se de um puzzle se tratasse. É a minha visão hedonista. Apenas minha, mas que partilho... É um pouco de mim, de quem comigo partilha caminhos e de quem já não pode partilhá-los mais... Tu percebes... E tu que já não estás também percebes...

A dream (Edgar Allan Poe)
 "In visions of the dark night
 I have dreamed of joy departed
 But a waking dream of life and light
 Hath left me broken-hearted." (...)

A melancolia assenta tão bem na capacidade de sentir, inovar, parar, pensar e voltar a pensar. É um estímulo raro que serve de droga e que me atinge o hipotálamo vezes sem conta.

A mestria dos dedos a movimentar peças redondas e compridas derrama um pouco do sonho para a matéria outrora viva e ágil.

Pertenço a um outro mundo, cavado no abismo mais profundo alguma vez idealizado. Corrente de um canto abstracto cá dentro. Corrói? Desconstrução de imagens e palavras que insistem em me alegrar e que renovam o pedido para me fazer pensar. Perco o seu sentido, não que o tivesse, mas perco-o! Carga positiva numa construção positiva! Posse de mim, posse de ti, possessão possessiva arrancada aos poucos!

Paro de sofrer abusos de alegria triste, olho e reparo no meu ponto norte asfixiado no banco do jardim! Não consigo adivinhar os passos que as pessoas teimam em deixar correr... *Touch!* Uma recta cruzada por outras tantas... *Touch!* Monólogo: "Onde começa, onde acaba, para onde vais, para onde vamos?" *Touch!* E se... Se por breves momentos pudesse vestir-te a vida e espreitar? Sempre ancorado a mim! *Touch!* Não me quero fugir! Agarro a linha fundamental.

Caneta encravada no papel num dia assim, que poderia bem ser um outro qualquer, num outro sítio, mas é aqui... Dia transpirado é um momento vivido. É e foi aqui que me deixei dissipar para me ir achando... Aos poucos! Sou e estou perdido onde não me posso perder, achado sem nunca ter suplicado para me acharem.

Deixo o papiro que encontro no bolso. Queimo-o. Olho e corto um largo sorriso. Olho para o lado e é à minha frente que está tudo. Um cosmos novo escondido em trapos de relva! Vivo um pouco mais sem o apoio dos meus pés! Bagunça instalada no olfacto animal! Esqueço-me... Esqueço-me da pergun-

ta e do que faço aqui... A pergunta? Sim... A pergunta... Porque estou eu aqui? A olhar e a ver e a imaginar e... E então... Então a brisa sacode as asas para poder voltar a sorrir. Espiam-se... Espiam a dança oprimida da caneta enquanto a tinta se revolta. Espreitam o alimento despejado na continuação do meu segmento de recta. Laranjeiras no meio de árvores que não passam por mim. Ocultas? Obscuras? Camuflagem de cores... De formas.

Volta a mim a brisa gelada, não que alguma vez tivesse ido embora, mas esta é outra... É uma mais alterada nos balanços naturais da vida, encravada no tecido que me cobre... Sopro ao cabelo preso às calças presas em mim! Preso à vida! Alcatrão sujo de passos... Bancos sujos de gente... Olho! Posição inerte com mais do mesmo e a relva passa... Passa da minha presença para encontrar a memória que se apressa em não reter o pormenor geral... O detalhe geral... A cor das expressões muda e respira-se... Interpelado no meio de dois pedaços de tinta... Fecho o olhar... Terminam as palavras! Apanho então o rosto do destino mais próximo equivocado num outro sítio. Reflexo de mim num outro dia, com outras palavras, com outros sentimentos. Objecto imprescindível para a mudança, para ser pioneiro no que queremos ser.

Não tenho fraquezas! Não tenho nada! Tenho absolutamente tudo! Um quadrado de cantos onde embatemos e teimosamente insistimos para sair! Paredes partidas e papel rasgado. Vida adormecida sem esperar uma mudança sem ser com o querer estar ébrio de mim. Olho-me ao espelho e sei que a vida... Sim a vida, já mo confessaram, faz-se como um caminho e esse faz-se caminhando... Um passo de cada vez! Redundância bruta para assinalar o que é importante! Um encosto de realidades... Quero, posso e sou! Plano onírico... Oxidação do sangue brotado vermelho. Lâmina prateada, semente da vida! Jardim de verde... Cheira-me a verde... As cores misturam-se em cheiros. As palavras sacodem a água. Sobre a hemoglobina! 97% de um todo! Cheira-me a vida... Estou prestes a acordar

e a sentir tudo... Novamente!

Lembro-me bem de tudo, lembro-me e não me quero esquecer que vivi. Estrondo que me faz acordar o reflexo! Não me esqueço.

Eu segui o caminho escolhido por mim... Lutei e vivi... Lembro-me do passado ter ficado retido no silêncio. Aquele silêncio que se rende a mim, escondido cá dentro. Sacrifico o que não me é importante, pois o que preciso está sempre aqui... No meu sonho... Estou presente no passado e estou presente agora... Numa outra dimensão... Olho para outro lado... Amigo, não estás esquecido nos meus sonhos. És passado e presente vivo na minha memória. As palavras vomitadas em janelas enquanto eu... Eu ouvia e sorria! Somos uma construção das vivências... Um erro repetido com realidades desiguais e muitas vezes opostas. Somos um produto por acabar. Somos únicos! Não me esqueci. A memória vive...

O sonho persiste na chuva... Acabada de cair por estes dias... Eis que me curvo, não para me verem as nádegas ou o real traseiro, mas para dormir... Estou cansado. Comicidade momentânea que me desfaz o tom de mim agora... Pleonasmos de mim... Pauta sem sabor. Retiro-lhe o A e sinto que a puta da vida hipotecou muitos sabores... Quantos sabores sentes tu? Sentes o sal que me queima? Não... Pergunto eu, sentes o sal que te queima? Cicatriz que não te deixa esquecer! Foda-se!!!! Não me deixa esquecer... Estou a ficar demente... De mim? Mente? Imperceptível... Não minto... Sou eu acordado ali ao fundo... Chamo-me para perto. Acordo do reflexo e regurgito a noite passada... Extravasos do meu suor... Fétido de perfumes que só me despertam lugares que alterei... Mais uma noite... Esqueci-me de quem sou... Esqueci-me que sonho acordado muitas vezes... Esqueci que os ponteiros do relógio avançam... Movimento indelével... Que semelhança... Agarro-me a mim, agarro-me a mim, agarro-me a mim... Agarro aquela ponta de cigarro por fumar... Fumo-te!!!! Desapareço por hoje... O papel aguarda ansiosamente por mais uma noite... Mesmo que não existas, eu aguardo-me... Sentado no meu pensamento e sonho... Continuo a sonhar... Continuo a viver... Chão que trilhas, Influências cegas, mas... Sou só eu dentro de mim a querer gritar por mais... Olha para mim ali... Diz-me até já! Eu já venho... Enquanto esperas sonha... Eu sonho... Sempre!!!!



**A Iniciação Fáustica e
o Mistério Onirosófico
do Sabat**

Gilberto de Lascariz



Tantos são os nomes, tantas são as referências, tantas são as associações. Dentre as infinitas impressões que a palavra “Satanismo” e outras dela derivadas há claramente o que poderia ser chamado de um “manto do oculto”. Uma áurea simbólica que atrai e ao mesmo tempo causa repulsa. Um conjunto de figuras, histórias, relatos; formas que compõem um imaginário popular e influenciam o próprio Satanismo.

(Breves Apontamentos Esotéricos)

Todos dormimos e sonhamos. Mas nem todos os nossos sonhos são portais abertos para o Mundo Imaginal. Na maioria dos casos é apenas uma porta aberta para o grande teatro interior de nossos desejos recalçados. Na Tradição Ocidental o Diabo é o Mestre desse Mundo Imaginal onde a humanidade se reencontra com os Antigos Deuses diabolizados pelo Cristianismo. Uma das Correntes dessa Arcana Tradição começou a ter expressão na Alemanha do séc. XVI e sobreviveu até ao séc. XX, na Fraternitas Saturni de Eugen Grosche (1888 – 1964), sob a designação de Via Faústica. A Via, claramente de mão-esquerda, releva do nome de um feiticeiro, necromante e curandeiro itinerante por terras alemãs, então devastadas pela imprecação luterana, chamado Georg Faustus falecido em 1550. A sua vida entrosa-se no mito da errância cainita do feiticeiro em perpétua ligação visionária com os espíritos dos mortos ao estilo britânico das proezas iniciatórias de Robert Kirk com os Fairies. A literatura que deste personagem emerge desde então cruza várias tradições gnósticas e demonológicas de raiz luciferiana¹. A aliança de sangue, a orientação pelo Daimon ao estilo socrático, a intrusão do sonho e do visionário no mundo real, a magia sexual e necromântica, assim como a prática do antinomianismo e a realização do estado livre de auto-deificação gnóstica ao estilo de Simão o Mago, são os princípios axiais desta tradição luciferina. Fixar-me-ei neste breve ensaio apenas na vertente onirosófica da Via Faústica tal como eu a atendo e pratico. Ela enquadra-se nos equivalentes indianos de “Iluminação Súbita” por intrusão do Daimon.

Fausto significa o Afortunado. Era o nome com que Simão o Mago se auto apelidava no seio das comunidades joanitas dispersas pelo Médio Oriente. Mas nem todos foram tão afortunados como

o Dr Joannes Fausto ou Simão, o Mago, com a Divina Sapiência de Lúcifer, o Portador da Luz do Conhecimento. Na história Fausto, um filósofo e teólogo, desiludido com a erudição universitária, que depunha binomicamente na Razão e em Deus a capacidade de aprender todas as leis do mundo e cumprir a realização do ser humano, acabou em desespero por se dedicar à Ars Diabolis e à sua Gnose Daimónica. Esse estado de resolute abandono daquilo que fundamentava a sua concepção do mundo equivale ao estado de *avadhuta* indiano no qual o yogui abandona todas as preocupações do mundo. Ao conhecimento discursivo e pretensamente retórico de cariz universitário a Gnose opõe um conhecimento emocional, interior e vivido, da estrutura não racional do universo e a experiência de comunhão noética no mundo inteligível das Ideias.

o conhecimento discursivo e pretensamente retórico de cariz universitário a Gnose opõe um conhecimento emocional, interior e vivido, da estrutura não racional do universo

Essa aproximação ao inteligível não se faz pelo pensamento mas pelo corpo, os sentidos interiores inteligíveis, a apreensão vivida mais do que pensada do Nous.

Da fusão da alma da criatura finita com o infinito da Alma Mundi do próprio universo advém não só uma compreensão filosófica no sentido socrático da palavra mas, também, a aquisição de poderes mágicos. Ao contrário do conhecimento racional que é mera abstracção retórica o conhecimento mágico e noético desperta poderes concretos de carácter preternatural, num processo comparável à aquisição de *siddhis* no *samadhi* indiano. No Ocidente o Mestre da Iniciação a esta Gnose Luciferiana foi, sem dúvida, o Diabo. Porém, o Diabo Faustiano não é o Diabo Faúnico das bruxas europeias, embora Fausto, pela pluma de Goethe, seja levado em transe ao Sabat celebrado na montanha de Brocken, na Noite de Walpurgis. O Diabo de Fausto é o equivalente do Daimon platónico. Na Corrente Faústica ele é chamado de Mephistopheles.

Desde os meus dez anos que sou fascinado por Mephistopheles. Deve-se isso ao facto de, há mais de quarenta anos, meu pai ter visitado um amigo antiquário em Caminha, curiosamente conhecido no meio profissional pelo apelido Diabo, e ter trazido uma elegante estatueta negra de Mephistopheles. Desde o momento em que a depôs orgulhosamente sobre a mesa central da sala que a minha vida mudou. A porta do meu quarto abria-se para essa sala e quando se saía ou entrava pela manhã e o anoitecer a figura de Mephistopheles olhava-nos com o seu rosto magro e macilento por detrás de seu ombro ossudo para dentro de nós. Foi o proémio de uma longa viagem de sonhos e pesadelos que a minha infância fez florir e onde pontificava Mephistopheles. Num desses pesadelos, que nunca mais esqueci, recordo um sonho em tudo numinoso: Mephistopheles depositava gentilmente a sua mão sobre o meu coração e com palavras encantatórias imperceptíveis vazava dentro de mim a sua consagração diabólica. Desde então fiquei ligado osmoticamente a Mephistopheles. Quando mais tarde descobri ligações de minha família com a Alemanha através de minha bisavó, Mephistopheles ganhou ainda mais sentido para mim. Na minha experiência mística e mágica Mephistopheles é o porteiro negro à entrada do Jardim dos Sonhos. Nele floresce os portentos das flores venenosas e a lembrança de uma época em que o Conhecimento Proibido trazido pelos Anjos Caídos ainda era ministrado aos filhos de Caím.

1 Palmer, Philip, & Moore, Robert. *Sources of the Faust Tradition: From Simon Magus to Lessing*. New York: Haskel House, 1977.



Mephistopheles veio pelo caminho dos sonhos e pesadelos sem o ter chamado. A estatueta, verdadeiro eidolon sacro, funcionou como iniciador e inseminador fetichístico de sonhos visionários de *daimónica potestas* numa Tradição que, ignorava então, vinha já das criações de estátuas vivas nos incubatórios e santuários da Antiguidade. A transmissão iniciática de impulsos transhistóricos através de objectos consagrados como fetiches onirosóficos, ligados pela forma e estrutura do eidolon a entidades suprasensíveis, é uma antiga arte de iniciação e mancia. Dessa tradição faz parte o uso entre as bruxas europeias de *hagstones* cujos orifícios naturais auxiliam a entrada em sonho nas paisagens astrais do Sabat². Não é, porém, ao apelo de todos que o Diabo responde. O Diabo responde ao apelo dos seus. Nem todos estão predispostos à receptividade da Corrente Daimónica. Como nos Mistérios de Asclépio e de Trofónius só a alguns a Divindade responde com o

favor de sua presença teofânica ou de seus emissários *teosphorus*.

Mefistófeles é o *teosphorus* da Via Fáustica, o Divino Mensageiro que na Tradição Neoplatónica de Iamblicus e Proclus é atribuído ao Daimon, isto é, à Anamnese que os poetas lusos chamavam Saudade e lembravam a sua Divina Origem. Não é estranho, por isso, que uma das características de Mephistopheles seja a Melancolia. Ela irmana em simbiose com a taciturnidade de Fausto. O Eu e o Daimon finalmente irmãos unidos. Por isso, assim, lhe chama Fausto: “meu doce Mephistopheles”, “meu bom Mephistopheles”. Ora a característica da Melancolia é recordar através do sonho teofânico acordado, ser a melíflua *rêverie* do devaneio alucinatório em que o corpo se faz de novo carne ofídica e paradisíaca. De olhos abertos nasce das profundezas da melancolia humana a sensação de estar morto para o mundo e a necessidade de viver no fantasma do corpo, o *doppelgänger*, para se reencontrar com as Origens. Sonhando desperto através do Outro, o Daimónico, vive-se o corpo imaginal. A Melancolia liberta, por isso, uma anamnese onírica feita de cenários remotos e odorosos enleios olfactivos vividos no corpo do sonho e que lembram os “cadavres picants” dos

feiticeiros *bokors* em torno da zombificação de Baron Samedi. Também no Voodoo a zombificação visa a cristalização no corpo zombificado do corpo imaginal do sonho.

O cerne da Iniciação Fáustica implica um Pacto com o Diabo. Fausto vai a uma encruzilhada no seio da remota floresta de Spesser Wald, próximo de Wittenberg, e traçando o Círculo Gótico convoca Lúcifer. Lúcifer é convocado porque ele é na tradição gnóstica dos Luciferianos o equivalente do Espírito Santo Negro. A sua primeira hierofania é, por isso, de luz e fogo através dos trovões e do clarão que incendeia alucinatoriamente toda a floresta e no “Fausto”, de Goethe, a sua primeira epifania é sob a forma luminescente do Dragão. O isolamento dentro do círculo mágico e dentro da floresta desencadeia a primeira emergência do Sonho pelo poder evocatório da Palavra Taumatúrgica suspendendo a realidade objectiva convencional. A alucinação é o primeiro sinal de que o sonho está rompendo os diques e muros da realidade cognitiva consensual. Pois o luciferiano sabe que o sonho não tem por domínio apenas o sono, mas tem por domínio todo o tempo e espaço infinito que percorre as entranhas secretas do mundo. É através

2 Veja-se quanto a isto o meu artigo sobre o uso oniromântico da *hagstone* no meu livro *Quando o Xamã Voava* – Lascariz, Gilberto. *Quando o Xamã Voava: o Sonho, o Erotismo e a Morte no Xamanismo*. Sintra: Editora Zéfiro, 2011.



do sangue firmado no pacto escrito que o sonho se tornará real e destruirá em definitivo a realidade convencional. Pois o sangue é a morada do Espírito. O sangue enquanto fogo biológico participa, numa ordem superior de significação, do Fogo do Espírito dentro de Si-Mesmo. Ele libertará os poderes do Espírito adormecidos pelo embotamento do corpo. Isso permitir-lhe-á manipular a realidade, agora tornada fluida pela invasão do sonho oceânico do mundo espiritual.

Tudo é sonho sem o sabermos. O que garante esse Pacto Faustiano é a eternização do Sonho Desperto sob a forma do Samadhi Onirosófico figurado no Sabat. O mundo é perpetuamente autocriado através do sonho do Um. Ao sonhar o Um sofreu o trauma da amnésia de sua onipotência e omnisciência perdendo-se como Sofia, o aspecto feminino de Deus, na sua própria criação. Por isso Deus ficou surdo, não ouve mais os gritos de desespero da humanidade, tal como os sumérios acreditavam nos seus hinos incrédulos Embora toda a realidade seja um Sonho Divino o homem vive na crença de sua dualidade: ora vivida na suposta objectividade do estado lúcido ora na suposta subjectividade do estado onírico. Todos eles são sonhos mas nenhum deles é um sonho desperto. Se despertássemos deste sonho grandioso onde somos sonhados pelo Um automaticamente participariamos do Deleite Eterno do Um. Quando Fausto interroga Mephisto sobre o que é o Inferno ele diz por isso que ele é puro deleite, e quando lhe pergunta como é que ele vivendo no Inferno está fora dele é-lhe respondido ao estilo de um mestre gnóstico: que a própria vida terrena é o Inferno.

A razão deste Inferno terreno é pensarmos que a experiência terrena é dura, opaca e objectiva, por isso o sofrimento e solidão não pode desaparecer diante do concreto do mundo. O Desperto é, contudo, o Sonhador por excelência, semelhante aos imaginadores do conto patafísico *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, de Jorge Luís Borges, que vivem numa realidade onde imaginar a realidade automaticamente a cria, abolindo a realidade que lhe antecedeu. Tudo é uma palimpsesto de sonhos e simulacros por debaixo do qual está o sonho do Eterno. Se o Eterno despertasse deste sonho todos os universos desapareciam no vento fátuo do nada sempiterno.

Deus não está morto, como dizia Nietzsche, mas amnésico e a sonhar. O sonho é o acto divino do criativo. É a essência dos pluriversos que ele cria a cada momento. O problema é que caso este sonho divino fosse cognoscível seria vivido como um estado de *sabaja-samadhi*, um êxtase de espontaneidade perpétua. Mas a verdade é que a este sonho divino eterno se sobrepõe, numa espécie de palimpsesto, o grande sonho da humanidade, um sonho arbitrário, um simulacro gigante que aprisiona o homem na realidade consensual de nossas crenças e valores. Não sonhamos verdadeiramente, pois para isso teríamos de ser Deus. Mas estamos enfeitiçados e devaneamos. Somos ratos que construíram para si próprios uma grande gaiola dourada cheia de leis e morais chamada Realidade, tecida pelos padrões de pensamento universal convencional a que chamamos Verdade, e fechamos a porta de saída deixando as chaves de fora. Mephistopheles que está *de fora* abre essa *porta* e dela saímos para o Outro Lado, Sitra Ahra, a Grande Treva.

Deus não está morto, como dizia Nietzsche, mas amnésico e a sonhar.

Ele leva-nos através dela como a Serpente até ao Deus que dorme dentro de nós. Quando o homem descobrir que há um muro que se tem de derrubar e um Deus que sonha dentro dele então Lúcifer erguer-se-á de novo lúcido e perfeito como a Serpente Verde e cantará sibilando as palavras que voltarão a afundar o mundo no silêncio. Só no silêncio e no derrube do mundo o Deus que dorme e nos sonha pode acordar e Ser - então podemos Ser.

A Iniciação Fáustica baseia-se na emergência da visão suprasensível através do sonho desperto. O sonho é a *Vis Imaginativa* por excelência. O sangue cria um processo de osmose simbiótica com o Daimon e firma uma Aliança. A partir de então ele vive nos órgãos suprasensíveis do Daimon, isto é, do corpo etérico-astral. A consciência deixa de viver ao nível dos sentidos do corpo para viver ao nível dos suprasentidos do Duplo Daimónico. À medida que o Pacto perdura no tempo a personalidade de Fausto começa gradualmente a parecer-se com a de Mephisto, o eu gradualmente dissipa-se no Espírito e fica subordinado ao Outro. É isto que é sentido como uma alienação da alma pelos cristãos, mas em essência é um processo iniciático de transferência da consciência do plano do ego para o plano do Espírito sob o eidolon de seu Daimon. "Vender a Alma" ao Diabo não é uma troca trivial por poderes sobrenaturais mas o abandono da noção de humanidade em benefício da divindade interior. Para isso só os afortunados com a capacidade de *verem* além de sua finita percepção, podem aceder às várias hipóteses daimónicas das quais Mefistófeles é a reificação suprema na consciência romântica germânica. A essência dessa Gnose é, sem dúvida, o poder de sonhar o Sonho Teofânico do Um. Em suma de ser Deus. Assim se cumpre então o segredo da Auto-Deificação Fáustica.







Alice Cooper, O Pesadelo Encarnado

Flávio Gonçalves

Uma edição dedicada ao mundo dos sonhos não estaria completa sem que recordássemos o género de sonho mais vívido, que nos faz saltar da cama a apalpar a escuridão em redor, que nos encharca os lençóis com suores gelados, aquele sonho incómodo que nos faz reacear voltar a adormecer: o sempre presente Pesadelo. E quem melhor para o retratar, tanto sonora e lírica quanto esteticamente, que o mítico Alice Cooper?

Alice Cooper, vocalista da banda homónima até 1975, ano em que inicia a sua carreira a solo lançando um álbum intitulado, precisamente, *Welcome To My Nightmare*. Curiosamente foi precisamente esta a minha introdução ao horrendo mundo imaginário de Alice Cooper. Num distante serão da minha juventude, uma amiga mais madura achou por bem oferecer-me este bendito CD, na altura o formato era uma raridade e o meu dispendioso leitor de CDs tinha como alimento somente três ou quatro discos compactos. Creio que estávamos em 1995, uma vez que o primeiro CD que alguma vez comprei foi a banda sonora dos *Flintstones* (estreado em 1994) e o segundo (*Waiting For The Punchline* dos Extreme, 1995) já se encontravam na minha posse, bem como uma colectânea qualquer de música electrónica que tinha vindo gratuitamente com uma qualquer revista, portanto é bem possível que *Welcome To My Nightmare* tenha sido o meu quarto CD de pleno direito.

Gravado quatro anos antes da minha nascença pareceu-me, à primeira vista, algo para ir ouvindo sem me en-

tusiasmar demasiado. Erro crasso, algumas audições mais tarde convertia-me em fã devoto dessa tão horrenda quanto fantástica criatura que era, e é, Alice Cooper. Desde então que tenho coleccionado toda a sua discografia (o primeiro disco datando de 1969 – *Pretties For You* –, uma década antes do meu nascimento), álbuns de banda desenhada (às hábeis mãos de Neil Gaiman), aparições cinematográficas e concertos ao vivo. Em 2002 enveredo esforços dando origem a dois projectos musicais distintos: os Skinapse (Oi!/Streetpunk) e os Creutzfeldt Jakob (bom, diz quem nos viu tocar que soávamos a uma mistura de Deicide com Garotos Podres... portanto, um ruído infernal do qual sobra apenas uma *demo tape* – felizmente – há muito perdida), dos Jakob faziam parte alguns elementos dos ainda muito activos Punkada e descobrindo que o *frontman* estes, Tino – um alemão radicado nos Açores – detinha uma imensa colecção de LPs e VHS de Alice Cooper. Perdi a conta dos serões em branco a ouvir o mestre do “horror rock” e a sorver cerveja em quantidades industriais numa ancestral casa de pedra renovada internamente toda em madeira no interior da ilha, entre serras e bosques, o que em muito contribuía para a atmosfera.

Chegado a Lisboa em 2002, na mágica noite de 14 de Dezembro, tive o prazer de experienciar o espectáculo em primeira mão. Alice Cooper tocava ao vivo no Pavilhão Atlântico atraindo uma não muito nutrida, mas extremamente vibrante, multidão. Nada faltou: todo o teatralismo, os baldes de

sangue, guilhotinas, hinos ao terror dos pesadelos mais aberrantes, monstros, tudo isso contribuiu para que, até hoje, a noite de 14 de Dezembro de 2002 se mantenha na minha mente como a melhor de toda a minha vida (bem, não serão talvez alheias a essa sensação o consumo intenso de absinto com sumo de maracujá, bebidas energéticas com vodka e a atenção a que me votaram duas jovens góticas, estou certo que maiores de idade, durante o concerto). Recém chegado à metrópole valeu-me a camaradagem e cumplicidade da horda dos LUX FERRE e dos COMBATE.

Com 26 álbuns de originais, e outros tantos de compilações, tributos e ao vivo, Alice Cooper não discriminou qualquer pesadelo, fossem monstros, assassinos em série, demónios das profundezas, adolescentes que levam armas para a escola ou políticos corruptos. Nada parece ter escapado ao escrutínio de Cooper, em 43 anos de activa carreira. Sem Cooper não teríamos The Misfits, Marilyn Manson, Rob Zombie, entre muitos outros, e toda uma nova sonoridade criada por um contemporâneo dos Beatles (e devoto fã dos mesmos), amigo pessoal de Salvador Dali, que lhe dedicou uma obra (*O Primeiro Retrato Cilíndrico Cromo-Holográfico do Cérebro de Alice Cooper – First Cylindric Chromo-Hologram Portrait of Alice Cooper's Brain*, 1973).

Não, numa edição sobre o mundo dos sonhos não poderia faltar alguém a recordar o excitante mundo dos Pesadelos, e o seu maior representante terreno: Alice Cooper.



Premonição

José Macedo Silva



O sonho. É uma experiência que pode ter significados distintos, e racionalmente é uma experiência de imaginação do inconsciente durante o nosso período de sono.

O sonho é gerado, segundo Freud, “pai da psicanálise”, na procura pela realização de um desejo reprimido.

Psicologicamente, e do mais básico significado, o sonho é uma carga emocional armazenada no inconsciente, que projecta imagens e sons; mais uma vez, segundo o autor de *A Interpretação dos Sonhos* (Freud), os objectos nos sonhos são derivados de cargas emocionais, podendo-se através deles chegar ao cerne, ou seja às emoções que geraram a imagem ou o som, sabendo-se aqui que estas “películas” do inconsciente demonstram aspectos da vida, nomeadamente da vida emocional. E para o médico neurologista austríaco no sonho a linguagem são os símbolos, e o que representam dentro do mesmo é a ponte para a sua descodificação. Em suma, a simbologia dos sonhos só pode ser estudada se conhecermos o carácter do objecto, a relação sentimental entre o criador do sonho e o mesmo. Pesa embora, o sonho e o seu significado, e porque vivemos no mundo do exacto e da razão, do certo e do palpável, existem muitas correntes de pensamento que julgam o sonho de modo diverso: que o sonho limita-se a controlar as funções cognitivas do cérebro, mantendo-o controlado, um “carregar de baterias” do corpo e da estrutura cerebral, e nenhum sentido por mais lógico que possa parecer se retira da capacidade cerebral de sonhar.

Como iniciei dizendo que o sonho é uma experiência que pode ter significados distintos, um deles é o religioso, e na Bíblia Judaico-Cristã os sonhos têm a sua credibilidade religiosa e surgem-nos como mensagens de deus. A esta técnica de divinização do futuro através da interpretação dos sonhos, quase tão antiga como a prostituição, sobrevivendo desde os tempos imemoriais do Antigo Egipto até aos nossos dias, e sobre o qual Jung, discípulo de Freud, se versou profundamente chama-se Oniromancia. Ele considerava os sonhos não só como uma exteriori-

zação de desejos ocultos, mas também como uma ferramenta psíquica que procura o equilíbrio por meio da compensação, do sonho, de uma espécie de “realidade ficcional” (*minha expressão*).

É deveras impossível falar do sonho e não fazê-lo, um pouco mais profundamente, sobre o vencedor do Prémio Goethe e fundador da Psicanálise, Sigmund Freud, médico austríaco nascido em Freiburg, a 06 de Maio de 1856, e falecido em Londres, a 23 de Setembro de 1939, e da sua *opus magnum* *A Interpretação dos Sonhos*, obra inovadora publicada em 1899, que aborda os mecanismos psicológicos do sonho. Esta obra, ainda hoje fantástica sobre qualquer ponto de vista do conhecimento humano, mesmo aos olhos do século XXI, argumenta que através da técnica de hipnose podemos aceder ao inconsciente, o ainda tremendamente desconhecido lado da mente humana, o “*darkside of the moon*” da nossa cabeça.

Freud acreditava que é possível entender os sonhos, e percebeu que os seus pacientes ao narrarem as suas ideias e pensamentos, narravam inclusive os próprios sonhos.

Os sonhos são em geral uma condensação de pensamentos oníricos, e que o seu processo de deslocamento retirava a intensidade de elementos que possuem alto valor psíquico, e criava a partir dos elementos com baixo valor psíquico, novos valores que penetrariam no conteúdo dos sonhos, ou seja, unindo o conteúdo dos sonhos aos seus pensamentos.

Um dos exemplos de condensação/deslocamento mais conhecidos da poderosa influência freudiana na cultura ocidental, é o clássico do cinema *Cidadão Kane* de Orson Welles. A narrativa do filme desenrola-se em busca do significado da palavra “Rosebud”, nome de um trenó que pertencera a Charles Kane na sua infância. O trenó simbolizava tudo o que Kane perdera: a companhia materna, os casamentos, amizades, conhecimentos, tudo o que tivera mas que ao longo da vida, como acontece com todos nós, se esfuma na velocidade do tempo e da história.

Outros manifestos ocidentais da influência freudiana são a arte surrealista, comumente na pintura de Salvador Dali, nos escritos de André Breton, e, por exemplo no cinema espanhol de Luis Buñuel.

Intelectuais do ocidente eram cépticos quanto às visões em sonho, muito embora alguns dos maiores do pensamento ocidental, como Descartes, que numa viagem à Alemanha, teve, segundo ele, uma visão em sonho de um

Os sonhos são em geral uma condensação de pensamentos oníricos, e que o seu processo de deslocamento retirava a intensidade de elementos que possuem alto valor psíquico

novo sistema matemático e científico. E estudos mais recentes comprovaram, através do movimento dos olhos, conhecido como fase REM (Rapid Eye Movement), na qual ocorrem os sonhos mais vívidos, os sonhos lúcidos. Os olhos movem-se rapidamente e a actividade cerebral é parecida com a fase em que estamos acordados; assim, também eu, porque compreendo Rilke quando ele dizia que “*O homem difere dos animais: está em desequilíbrio no universo*”, e tentando contradizer Nietzsche, que o homem é bem mais que uma tentativa, muito mais que isso: um projecto inacabado buscando a perfeição, resolvi num passado já distante, não importando aqui para o caso nem como nem onde, experimentar com a ajuda de uma potente brincadeira que à socapa me conheceu e amigo de longa data me trouxera de uma viagem ao México um sonho lúcido, acordado, qual profeta do Antigo Testamento divagando com fome e sede pelos desertos do Egipto e do Neguev. A experiência não tem qualquer valor científico, nem teria essa presunção, apenas, como bom satanista (já naquela altura) sedento de experimentalismo e de curiosidade provar uma “epifania” qual louco, debilóide ou esquizóide; e venham daí esses “psíquicos” me criticar; como referia Ernesto Bono: “*Quem nos garante a integridade psíquica desses racionalistas profissionais?*”

“*Estava sentado, à porta de casa, na varanda. Em frente a montanha imóvel, pesada massa verde ardendo no calor da tarde. A minha pele suave em bica principalmente pela ponta do nariz, como uma parede de cimento sob a chuva de Inverno. A passarada refugiara-se na sombra dos ramos das árvores, o gato estava deitado,*



*Quando o cristo da
religião de eunucos
e frígidas perecera.
Sim, tinha sido numa
sexta-feira, pelas três
horas diurnas, e fazia
um “calor do Infer-
no”, quase.*

respirava com dificuldade, e tinha o pêlo levantado; tentava a todo o custo refrescar-se, ele que ao contrário de mim não podia “trocar de roupa”; um tremendo castigo da mãe natureza que o obrigara, na evolução natural da raça felina, passar todo o verão com a fatiota de Inverno.

O vento era quente e vinha de sul, o lago, para lá da rua, do outro lado da estrada de terra batida, há poucos meses habitat de girinos, lagostins, e bebedouro para as vacas estava reduzido a um misero charco, qual cadáver de água doce. Os castanheiros, mesmo ao lado da casa, estavam na tarde paralisada de calor. A serra ardia e tremia-me na visão por debaixo dos óculos de sol. Tudo estava deserto, ou parecia-me que sim, envolto num silêncio opaco, terrível.

Por breves instantes fui dentro de casa, ao frigorífico, e tirei uma cerveja. Voltei para a cadeira na varanda suspensa num calor imortal. O gato levantou a cabeça e respirava com dificuldade, as galinhas passavam, em baixo, no campo de ervas secas, e traziam o bico aberto e as asas levantadas.

De novo sentei-me, bebi uns tragos, dei uma olhadela no relógio, e as horas pareciam ter parado no mostrador de cristal. Naquele instante, eram três horas da tarde.

A luz do dia quente. Quebrada um pouco, mais nítida. Voltei a olhar o mostrador do relógio, as horas mantinham-se estáticas, iguais. Esperei por um período de tempo que num dia normal se “chamaria” cinco minutos. Voltei a olhar. Nada. O ponteiro parado nas três horas da tarde. Firmei os olhos com dificuldade na igreja. O seu enorme relógio de bronze marcava o mesmo (três horas). Reparei então que não tinha ficado sem “pilhas” no relógio apertado no pulso fino. Alguma coisa estranha tinha acontecido; era sexta-feira, fazia um calor de rachar, e o dia não passava das três horas da tarde.”

Acordei daquela tempestade mental. A vida correu.

Anos à frente estudei o processo e vi, sexta-feira, calor, e três horas da tarde. Quando o cristo da religião de eunucos e frígidas perecera. Sim, tinha sido numa sexta-feira, pelas três horas

diurnas, e fazia um “calor do Inferno”, quase.

Porque já seria satanista naquela altura, bem provavelmente, e nem me tinha apercebido. Sim, exactamente o meu ponto ómega, o centro deste sonho lúcido sobre o efeito de-não-interessa-aqui-para-o-caso. Sim, sem dúvida, ora não tivesse eu, hoje em dia, mais maduro e consciente, encontrado no satanismo, muito mais do que um modelo especulativo, mas acima de tudo uma realidade viva. Em resumo, terá sido uma premonição daquilo no que anos à frente me tornara, e que, porém, após o atropelo constante de mitos e deuses, regressei aos limites da minha vida, ao meu orgulho satanista, e aprendi que após o despejar do cesto o único “valor” a permanecer - EU mesmo precisamente.



The Dreamer

Mónica Sousa

"A dreamer is one who can only find his way by moonlight, and his punishment is that he sees the dawn before the rest of the world"

Oscar Wilde

Não quero falar-vos só de coisas idílicas e irreais. Não quero só dizer o que acho de um sonho, mas quero partilhar convosco como pô-lo em prática, como come-lo, como respira-lo, como vive-lo. Os sonhos existem, de certa forma são reais, são reais em cada um de nós, que todos os dias os temos, que muitos são objectivos de uma luta interior diária. O meu objectivo não é falar de sonhos que não podem concretizar, ou do trabalho do nosso cérebro quando dorme, hoje abro a minha mente com vocês para mostrar a todos que o sonho menos importante é aquele que temos quando dormimos, tendo sempre em conta, que os que temos quando adormecidos são sempre um recreio imenso de liberdade.

Sonhamos porque podemos, por-

que ainda podemos. A nossa mente tira-nos do dia-a-dia e durante umas horas podemos voar com asas que não são nossas, viver outras vidas, alcançar outras metas. O que seria de nós sem estes breves momentos adormecidos ou acordados? Esta vida dentro da nossa própria vida, um novo respirar, uma nova mente.

Aqui podemos ser felizes acima de qualquer carne, acima de qualquer pedra na estrada, acima de nós mesmos. O que projectamos para a nossa vida é sonhar também, sonhar acordado, imaginar, dar asas à imaginação, dar visão a outros olhos que temos dentro de nós, seguirmos por razões irracionais, por momentos que nos aquecem, por estrelas onde não existem. Dançamos ao som de músicas esquecidas,

de momentos que iremos passar, de vivências utópicas mas ainda assim desejadas com todas as nossas forças. A verdadeira morte do Homem é o cessar de um sonho, é a incapacidade de sonhar, a negligência do ser maior, do sair de nós mesmos para outro alguém, para outro lugar, para outro tipo de alcance.

A quem aqui me lê, nesta revista que vos deixa ser o que quiseres, não esqueçam que como esta revista é o sonho de todos nós, que o transportamos para vocês, já que melhor do que sonhar sozinho, é sonhar com mais alguém. Deixem esses medos de lado, calem quem vos corta as asas, criem umas novas, fechem os olhos e respirem a liberdade da vossa vida, da vida que sonharam, ou da vida que estão a construir baseada nesse sonho que vos come por dentro, que vos consome. Deixem-se ser consumidos. Aproveitem enquanto é de graça, e sejam os primeiros a ver o amanhecer antes de todos.

Amanheçam em vocês mesmos.



Somnium

Metzli



Somnium

sonho |ô|

(latim *somnium*, -ii)

S. m.

Tanto se diz e se escreve que nem sei por onde começar ou sequer por onde ir caminhando. Muitas palavras levam-nos a escrever rios de tinta, mais, oceanos de tinta sobre si próprias. O sonho é uma delas. E incrivelmente, a maioria do que se vai dizendo anda sempre à volta do mesmo: acreditar, sonhar, não desistir, persistir... Apesar do sonho ter outras vertentes, não menos importantes.

1. Conjunto de ideias e de imagens que se apresentam ao espírito durante o sono.

Sonhamos muitas vezes sem sabermos exatamente o que sonhamos. Vivemos numa realidade paralela, que por vezes toca a nossa realidade habitual, em personagens, em locais, em circunstâncias, mas que depois se afasta. Quando eu era mais nova, sonhava sempre com sombras. Com mundos de sombra, comandados por gigantes de sombra, que gritavam numa língua que eu não conhecia mas que me assustava da mesma forma. Esses gigantes de sombra faziam-me pensar que era uma criança de sombra e que merecia ser deixada no caixote do lixo de sombra.

Anos mais tarde percebi que, muito provavelmente, todos esses sonhos se deviam a uma embalagem de batatas fritas alaranjada da qual não me recordo o nome. Depois passei a sonhar com aquilo que gostava, com o que me fazia feliz, com o que eu gostava que acontecesse e que pensava que me iria completar. Quando comecei a ter os sonhos felizes, gostava de acreditar que se tratavam de profecias, que poderia ser tocada por uma força divina e se tratarem de sonhos que previam o futuro.

Mas não, era apenas a minha imaginação, a minha vontade de viver de outras formas, e a minha capacidade inata para divagar e aparvalhar. E os sonhos bons foram-se desvanecendo e dando lugar a sonhos que consigo clarificar claramente como sendo fruto do meu medo de errar, de ser incompreendida, de ser julgada erradamente pelos meus atos, que à partida podem parecer duros, mas que quando me conhecem, bem lá no fundo, se revelam... duros.

Hoje sei que por mais que uma coisa corra mal, nunca será a desgraça, apesar de sonhar com o caos eminente. Se for um pouco mais dura, seja em que circunstância da vida for, sei que, alguns até podem virar as costas, mas alguém há-de ficar, para me dar uma estalada, dizer “*acorda para a vida*” e me indicar o caminho.

2. [Figurado] Utopia; imaginação sem fundamento; fantasia; devaneio; ilusão; felicidade; que dura pouco; esperanças vãs; ideias quiméricas.

Quando se pensa em sonho, o que nos vem à mente é o sonho figurado, e pensamos sempre no que foi dito como introdução deste texto. No entanto, pela sua própria definição o sonho não passa de um conceito um tanto ou quanto contraditório. Tudo o que se escreve (ou a maioria do que se escreve) sobre o sonho vai contra a maioria do que o define. Imaginação sem fundamento, devaneio, esperanças vãs... E porque será? Algumas ideias me assomam neste momento, sem no entanto encontrar uma única conclusão, ou vá-

rias. Ficam apenas algumas ideias.

Creio sinceramente que tal se deve ao facto do ser humano ser de gostos antípodas, de paradoxos. Queremos atingir as nossas metas, mas não queremos que as coisas caiam do céu. Por isso os sonhos têm de estar suficientemente longe. E se pensarmos em sonhos utópicos, em esperanças vãs, quando o sonho for atingido dá mais valor a quem o atinge.

Contudo, e queria ir por aí, o sonho pode ser um perigo eminente, se for sonhado por quem não está preparado para o sonhar. Por mais negro que isto possa parecer, sonhar pode arrastar o sonhador para dentro do sonho e impedi-lo de sair. Todos nós já sonhamos e sabemos o que sentimos em relação aos nossos sonhos, mesmo quando não o conseguimos exprimir por palavras. É fácil deixarmo-nos ficar no sonho, porque o sonho conforta e aquece a alma. E, em muitos casos, é melhor do que a realidade.

Sonhar e ficar preso no sonho é o caminho mais óbvio e provável para o





fraco de espírito, que vê apenas o que quer e o que lhe dá jeito ver, porque é assim que é constituída a sua mente. Sonham muitas vezes o sonho dos outros, porque ter o seu próprio sonho dá muito trabalho, não está ao alcance das suas capacidades. A sua imaginação é parca e ter o que os outros têm é essencial, dois fatores decisivos que juntos podem ser “fatais”. E o pior é que os fracos de espírito não sabem reconhecer.

Fracos de espírito nunca vão ter a habilidade de reconhecer o mérito, o esforço, a excelência. Vão só conseguir perceber que existe a vontade de quem o rodeia de ter algo e esse algo será então o seu objectivo máximo na vida. Dizem que a galinha do vizinho é sempre melhor. Mas na altura de avaliar irão sempre nivelar por baixo, pelo seu nível. E esse será o nível normalizado, os restantes níveis estaram invertidos, sendo que tudo o que estiver acima será repudiado e tudo o que estiver abaixo será aceite. E irão sempre olhar de lado e falar nas costas. Estas acções são válidas para todos os níveis, está-lhes nos genes. Dizem também que “vozes de burro não chegam ao céu”. Não fui eu quem disse. J

O sonho tem de ser único porque o Homem é também ele único. Sonhos copiados são o espelho de uma vida oca, como as árvores mortas que teimam em ficar de pé, misturando-se com as vivas, iludindo o olhar mais distraído. Quando se sonha, sonha-se um sonho à medida, sabemos as nossas limitações e as nossas mais-valias e sonhamos em função disso. O mais comum é que esses, os que copiam, os portadores de sonhos contrafeitos, se percam. Porque se copiam, vão até onde for a cópia e nunca mais, porque não sabem mais.

E perdem-se nos sonhos, porque não foram moldados para o sonho, porque não foram eles que moldaram o sonho sonhado e porque não foram dotados com as ferramentas necessárias para o perseguir e construir. É como pedirmos a alguém que copie uma obra de arte, sem saber o ofício. Que copiem um quadro, sem técnica, sem tinta ou tela.

Por outro lado, o sonho cumpre também um função importante, que nos motiva e nos guia as acções. Sonhar é dar-nos um excelente motivo de continuarmos motivados e empenhados na nossa evolução. Temos é de encontrar o equilíbrio entre o sonho e a realidade.

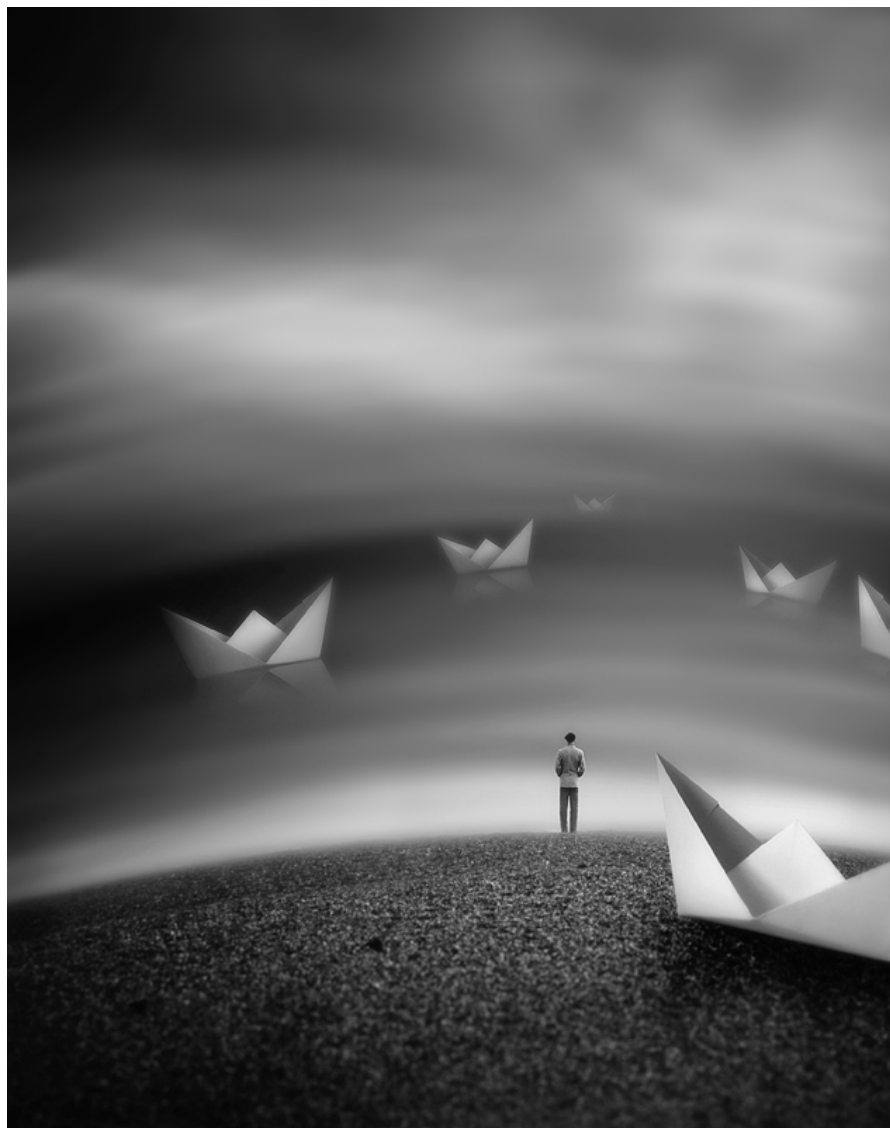
3. [Culinária] Bolo muito fofo, de farinha e ovos, frito e depois geralmente passado por calda de açúcar ou polvilha-

docomaçúcarecanela.=FILHÓ,FILHÓS
Plural: sonhos lôl.

De certo haverá muito boa gente que aprecia este tipo de doce, eu pessoalmente passo. Mas não posso é passar, aqui em jeito de conclusão, a importância que o sonho tem para nos definir, nos distinguir e no final, nos adoçar a boca. O sonho de cada um enquanto dorme reflete os nossos medos e os nossos anseios, definindo-nos a personalidade/atitude não como uma unidade imutável mas sim como uma massa flexível, adaptável e que vai evoluindo ao longo do tempo. É quando estamos acordados, os objectivos que traçamos para nós podem (e devem) ser uma continuidade dos anteriores, com os quais devemos aprender (pelo menos com a maioria), procurando aquele algo que fará de nós pessoas mais completas e especiais.

No final de cada jornada, quem quiser, que celebre com bolos fofos de farinha e ovos.

*Fracos de espírito
nunca vão ter a habi-
lidade de reconhecer
o mérito, o esforço, a
excelência.*





From Fire Reborn

Melusine de Mattos

Once whilst dreaming
I called upon your Lust
Lost from my former being
I awoke from the dust:
Eyes black as Night,
Hair red as fire,
Lips crying your name
In flames, hunger, Desire!

My blood running wild,
Gestures of lavishing passion,
I was no longer sweet and mild,
Thus spoke my reflection...

Your words embraced my flesh
Your touch taught me to breathe
Your lips plundered my soul
Your heart ravished fears:

The shackles of shame were torn!
For in your hands I was Lillith re-
born!



Uma amostra do que temos feito em

5 ANOS

HellOutro
Enterprises
2006-2011